



LONDRINA DOCUMENTA

Cuidar, curar, lembrar - memória da saúde em Londrina

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

LONDRINA, 2012

Reitora

Profª Drª Nádina Aparecida Moreno

Vice-Reitora

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão

Diretora do Museu Histórico de Londrina

Profª. Drª. Regina Célia Alegro

Coordenação Geral

Pesquisa

Amauri Ramos da Silva
Áurea Keiko Yamane
Célia Rodrigues de Oliveira
Gina Esther Issberner
Rosângela Ricieri Haddad
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Fotografia

Rui Antonio Frias Cabral

Museologia

Gina Esther Issberner

Estagiários (História/UEL)

Amanda Camargo Rocha
Aryane Kovacs Fernandes
Gisele da Silva Oliveira
Jackeline Bergamo Xavier
Juliana Souza Belasqui
Priscila Rosalem P. de Almeida
Taiane Vanessa da Silva
Tamiris Helena Doratiotto Baldo
Vagner Henrique Ferraz
Vanessa Caroline Mauro

Apoio técnico-administrativo

César Augusto de Poli
Ivo Augusto Assumpção Siqueira

Revisão de textos

Disque-Gramática (UEL)



cuidar, curar, lembrar

MEMÓRIA DA SAÚDE EM LONDRINA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

LONDRINA, 2012

Este catálogo foi inteiramente composto nas famílias
tipográficas Palatino Linotype e Myriad Pro

Número de páginas
120

Papel
Cartão (capa)
Couché (miolo)

Editoração e recuperação digital, Capa,
Projeto gráfico e Layout
Estúdio O Bigode

**O conteúdo dos textos é de responsabilidade
exclusiva dos respectivos autores.**

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de
Biblioteca e Documentação do Museu Histórico de Londrina. UEL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

U51c Universidade Estadual de Londrina. Museu Histórico de Londrina
Cuidar, curar, lembrar – memória da saúde em Londrina / Museu
Histórico de Londrina, Universidade Estadual de Londrina ; projeto Cura
e cuidados: uma história dos procedimentos e tratamentos da saúde em
Londrina , organização Regina Célia Alegro . – Londrina : UEL, 2012.
120p. : il. ; 21 cm. – (Londrina Documenta ; 3)

ISBN 978-85-7846-148-5

1.Medicina – Londrina (Pr) – História. I.Alegro, Regina Célia. II.
Museu Histórico de Londrina. III. Título. IV. Série

CDU61(816.22)

apresentação

apresentação _____	08
construindo a boa medicina _____	10
palavra da ASAM _____	12

sobre saúde e bem-estar

fotografia na história da saúde _____	16
instituições médico-hospitalares nas origens de londrina _____	28
espírito de parteira _____	50
drogas, productos chimicos e outras especialidades pharmaceuticas _____	56
práticas e rituais de cura: memórias das populações negras em Londrina _____	74
importância do voluntariado e o compromisso com a saúde em Londrina _____	84
a saúde em londrina de 1930 a 1940 _____	92
londrina, tecnologia e diagnóstico _____	108
a FEOL começou ali, nos porões da catedral..._____	114

apresentação



apresentação

Neste número três da série Londrina Documenta, apresentamos exemplares do acervo do Museu Histórico de Londrina, versando sobre a saúde na memória e na história da cidade. Com esta coleção também oferecemos à comunidade londrinense a exposição inaugurada, em abril de 2012, Cuidar, Curar, Lembrar: memória da saúde em Londrina.

O valor afetivo e documental destas imagens e objetos favorece considerações sobre diversos aspectos relativos ao complexo tema da saúde, na cidade. Inspira reflexões, por exemplo, sobre as situações e demandas enfrentadas pelos moradores das décadas de 1930 e seguintes, quais soluções construíram e quais fundamentos orientaram a sua ação. Neste curto tempo, a cidade estabeleceu uma rede de serviços technoassistenciais que a transformaram num polo regional de ofertas em saúde.

Sabemos que este processo foi orientado por políticas geradas “além muros” e por organizações fortemente marcadas pela presença de forças hegemônicas da cidade. No entanto, a saúde é um terreno de tensões e embates e neste campo, sobretudo ao se considerar o cotidiano, ao nível do micropolítico, observa-se a multiplicidade de personagens, de arranjos, de forças institucionais dos modos de se produzir ações de saúde e bem-estar na cidade. No tempo presente, a saúde é claramente uma questão política.

No dia a dia, as práticas médicas para enfrentamento das doenças humanas, conviveram com práticas medicinais tradicionais e com concepções e métodos alternativos de manutenção e restauração da saúde. Entre estas, as curas por meio da fé, a ação das parteiras, aquelas trazidas por diferentes tradições étnicas dos que aqui se instalaram. E os recentes conhecimentos sobre terapias alternativas, modos de alimentação, efeitos da movimentação, relações ambientais, sustentabilidade, saúde, distribuição de renda, voluntariado, entre tantos outros temas e questões.

Neste movimento, verifica-se uma progressão no reconhecimento da individualidade, das necessidades de cada pessoa. Ao mesmo tempo busca-se a universalidade de acesso a estes recursos. Constata-se também o desenvolvimento de maior controle social sobre os serviços de saúde, na cidade. Embora o esforço realizado seja evidente, ainda não garantimos a equidade de direitos e oportunidade de saúde a todos. Ainda não se realiza plenamente o princípio constitucional “A saúde é um direito de todos e um dever do Estado”.

Neste catálogo, recordamos os 50 anos de fundação da Antiga Faculdade de Odontologia de Londrina, um dos pilares da Universidade Estadual e dos modernos serviços na área de saúde oral que a cidade oferece. Agradecemos todo o apoio recebido, e especialmente ao Programa de Incentivo à Cultura do Município de Londrina a possibilidade de publicação desse catálogo.

A todos muita saúde!

Regina Célia Alegro
Diretora do Museu Histórico de Londrina

construindo a boa medicina

Nos anos 20, a região norte-paranaense passou a ser anunciada e propagada pela Companhia de Terras Norte do Paraná, companhia esta de origem inglesa e sediada em Londres, como uma nova Canaã a ser desbravada e vencida.

Eram mais de quinhentos mil alqueires de floresta virgem, exuberante, brotando de um dos solos mais férteis do mundo. No final desta década, serras manuais, machados e enxadas manobradas por braços fortes, deram origem à implantação de um dos mais ousados planos de colonização do Estado do Paraná.

A floresta foi sendo vencida, picadas abertas e núcleos habitacionais constituídos de ranchos de sapé e palmito brotaram e cidades foram surgindo. Com o aumento do contingente humano, surgiu o desafio da saúde na luta contra doenças próprias da mata, dos acidentes da derrubada de imensas arvores, da malária, sempre presente na beira dos rios, e das doenças comuns ao ser humano.

Assim surgiu Londrina e nela, em seus primórdios, construído pela Companhia de Terras um pequeno hospital onde militaram Kurt Peter Muller e João Figueiredo, contratados pela Companhia.

Atraídos pela propaganda intensa, na década de trinta, médicos originários de muitas regiões aqui vieram, sem encontrar a terra que manava leite e mel, a Canaã prometida, mas uma cidade em formação, sem os confortos citadinos e com muita poeira e terra grudenta, cidade em embrião na qual as necessidades teriam de ser supridas pelos que a haviam escolhido para viver seu Eldorado.

Cedo perceberam os médicos, da década de trinta e quarenta a necessidade de se ter um Hospital onde pudessem exercer suas atividades e desenvolver a qualidade técnica da medicina. Até então grande parte dos atendimentos era realizada nas residências, muitas delas precárias, nas pensões, nas propriedades rurais em casebres de pau a pique. A maioria dos atendimentos obstétricos era feita por parteiras curiosas, que apresentavam relutância em chamar o médico, para não serem desmerecidas, por não terem podido “dar conta” do parto.

Na década de 40 inaugura-se um hospital de maior porte, a Santa Casa, com a colaboração de toda a sociedade e lideranças. Este hospital veio concretizar uma característica ainda incipiente da classe médica, sua união em torno de hospitais maiores, onde uma medicina de melhor qualidade poderia ser desenvolvida.

Na década de 50 as lideranças evangélicas sentiram a necessidade de construir também um hospital para atendimento de uma demanda intensa de atendimento médico. Iniciado com um pequeno Ambulatório, com esforço da comunidade e dedicação incrível de médicos pioneiros, já de terceira geração evoluiu para o grande Hospital da Av. Bandeirantes, tornando-se junto com a Santa Casa, os polos referenciais de boa e moderna medicina.

Nestas três décadas referidas várias foram as tentativas de criação de pequenos hospitais, mas que em razão das necessidades técnicas tornaram-se inviáveis e vieram a fechar suas portas. Mas foi a coragem

e esforço de centenas de profissionais que para cá vieram, com seus sucessos e seus insucessos criaram, que mantiveram e fizeram crescer a medicina aqui praticada.

A mostra sobre a saúde aqui apresentada ilustra a dura realidade enfrentada pelos pioneiros. Ela pode ser resumida em uma expressão, já antológica, do antigo premier inglês Winston Churchill: sangue, suor e lágrimas.

palavra da ASAM

“A saúde é o resultado não só de nossos atos
como também de nossos pensamentos”.

Mahatma Ghandi

Dentre os papéis desempenhados pela Associação dos Amigos do Museu - ASAM, talvez o mais importante seja o de apresentar aos órgãos públicos os projetos ligados à preservação e à divulgação de nossa história, cuidadosamente elaborados e propostos pela equipe de pesquisadores do Museu Histórico de Londrina.

E não apenas isso. Uma vez aprovados esses projetos, é nossa responsabilidade zelar pelo bom uso dos recursos captados.

Assim tem sido nossa atuação desde os tempos das obras de revitalização dos espaços do Museu, em 1996, quando ficou clara a necessidade da existência de uma organização não governamental que se responsabilizasse pela captação e utilização de recursos públicos e da comunidade.

Alguém já disse: “A cultura é parte essencial da saúde”.

No momento da abertura de “Cuidar, Curar, Lembrar - memória da saúde em Londrina”, sentimo-nos especialmente tocados, porque graças ao envolvimento institucional da ASAM junto ao Museu, pudemos nos integrar a esse processo cultural que resultou nesta Exposição que tão bem retrata os saberes e fazeres da saúde - saberes e fazeres que não podem ser desvinculados de nossas próprias histórias.

Quem de nós já não viveu ou ouviu falar dessa Londrina aqui retratada?

Das parteiras, “aparadeiras e curiosas”;

Das benzedeadas e suas rezas e simpatias;

Dos primeiros farmacêuticos, que no balcão da farmácia eram os conselheiros e orientadores, em quem as pessoas depositavam grande confiança;

E dos heroicos médicos que, chamados em situações extremas, faziam atendimentos em condições precárias, muitas vezes à luz de lampiões, nas pequenas casas de palmito mergulhadas no meio da floresta.

Sim, o sucesso do grande empreendimento imobiliário desenvolvido pelos ingleses da Companhia de Terras do Norte do Paraná exigia bem mais do que uns poucos médicos atendendo à luz de lampiões.

Através de eficiente campanha de propaganda, a notícia do novo eldorado norte paranaense espalhou-se não apenas por todo o Brasil, mas também pelo resto do mundo, atraindo colonos das mais variadas

nacionalidades. Criou-se assim um processo iterativo em que a chegada dos novos colonos resultava no incessante progresso da cidade; e a divulgação desse progresso resultava na chegada de mais e mais colonos que desembarcavam às centenas na humilde Estação Rodoviária.

Atraídos pelo espantoso crescimento da população da cidade, muitos médicos foram chegando e abrindo seus consultórios e pequenas clínicas, oferecendo melhores condições de saúde para a população.

Muito cedo se percebeu que esse centro que atraía tantas pessoas já oferecia condições e estrutura para receber uma Faculdade de Medicina, a qual começou a funcionar, em 1968, pouco menos de quarenta anos após a chegada da Primeira Caravana de Colonizadores.

Com a Faculdade, para cá vieram mais profissionais médicos, academicamente preparados, trazendo novas técnicas e recursos tecnológicos que transformaram Londrina num centro de excelência em várias especialidades médicas.

Todavia, em que pese a grande qualidade da medicina desde cedo exercida em Londrina, a cidade, lamentavelmente, não escapou da cruel realidade que hoje cerca o panorama da saúde no Brasil.

Realidade tão dura que, sensibilizada, a própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, em sua campanha da fraternidade de 2012 escolheu como lema o versículo do Livro de Eclesiastes: “Que a saúde se difunda sobre a terra”.

Fica-nos a esperança de que, ao lançar um olhar sobre o passado, a exposição “Cuidar, Curar, Lembrar – memória da saúde em Londrina” não se constitua apenas numa sequência de emocionantes e significativos painéis, mas se transforme numa ferramenta de conscientização e mobilização dos cidadãos londrinenses.

É urgente exigir de nossos dirigentes políticas públicas realmente eficazes, capazes de melhorar a qualidade de serviços e a acessibilidade da população à saúde.

Ou, numa livre interpretação das palavras de Ghandi, temos que pensar a saúde, mas não apenas pensá-la, é preciso AGIR!

*Maria Lopes Kireeff
Presidente da ASAM
Eneida Maria Soares Rossi
Voluntária da ASAM*

sobre
saúde e bem-estar



Londrina já nasceu na “era da imagem”. Quando a cidade surgiu, a fotografia já contava com aproximadamente 100 anos e o cinema, com um pouco menos, o que permitiu o privilégio de ser sua fundação fotograficamente registrada.

Assim fez George Craig Smith, funcionário da Companhia de Terras Norte do Paraná (CNTP), o fotógrafo a registrar Londrina em sua primeira clareira e seu primeiro acampamento. José Juliani, fotógrafo contratado da CNTP, produziu belas imagens usadas nas propagandas da empresa. Haruo Ohara, um artista e estudioso, registrou o cotidiano da cidade, especialmente da colônia japonesa, a partir dos anos 1930. O fotógrafo Carlos Stenders registrou o desenvolvimento de Londrina da década de 1930 ao início da década 1950.

Hikoma Udihara produziu os primeiros filmes de uma cidade que desabrochava. Hoje, a Kinoarte é responsável pela uma importante produção cinematográfica local. A fotografia e o cinema têm

fundamental importância para a pesquisa sobre história de Londrina como fonte histórica e auxiliadora nos estudos de antropologia, sociologia e arquitetura, geografia, artes, entre outras áreas.

O contexto da Exposição “Cuidar, Curar, Lembrar – a memória da saúde em Londrina” oferece bons exemplos dessa produção. São muitas as possibilidades narrativas sugeridas pelas fotografias sobre as antigas farmácias, os primeiros hospitais, postos de saúde, o cotidiano dos profissionais e seus pacientes. Observando a Exposição, constata-se que o aperfeiçoamento do equipamento para fotografia (câmeras) “acompanhou” o desenvolvimento da cidade.

Nas primeiras fotografias, na década de 1930, os negativos eram grandes, indo de 6x6cm até 9x12cm. As câmeras, quando comparadas com as atuais, parecem grandes, pesadas e sem muita mobilidade.

A maioria das fotos de pessoas era “posada” em função da baixa velocidade do obturador

(regulagem do tempo em que a luz entra na câmara) e da baixa sensibilidade do material fotográfico (na ocasião, ASA, hoje, ISO). Havia poucos “instantâneos” (flagrantes efetuados “sem o que sujeito percebe”, como se dizia na época).

Pelo que se observa na Exposição, as fotos da década de 1930 tinham, em sua maioria, formato quadrado (negativo 6x6) ou retângulos quase quadrados (6x7) e alguns retângulos mais alongados (6x9 e 6x12). Também havia a possibilidade de se fazer o “corte” na imagem. Por exemplo, transformar, no laboratório fotográfico, uma imagem quadrada (originalmente produzida a partir de negativo 6x6) em retângulo.

Todas estas “bitolas” de negativos eram obtidas com o filme “120” e cada câmara, dos mais diversos modelos, determinava o formato da imagem.

A partir da década de 1950, até a década de 1980, com a popularização da câmara de formato 135, ocorre uma revolução no modo de fotografar e de

enxergar a fotografia. O filme 135 é fruto de uma adaptação do filme cinematográfico para câmeras fotográficas. Essas se tornaram menores, mais leves, ergonômicas e fáceis de manusear.

Basta lembrar a legendária “LEICA”... O formato da imagem era de um retângulo alongado de 24x36mm, o que provocou mudanças na maneira de ver e “compor” a imagem fotográfica. Praticamente não mais se via imagens e composições quadradas. A portabilidade dessas câmeras e a possibilidade da troca de objetivas (lentes) permitiram aos fotógrafos novos ângulos e linhas, alterando a linguagem fotográfica.

Na década de 1990, surgiu a fotografia digital quebrando muitos paradigmas, revolucionando o modo de entender a imagem. As câmeras digitais apareceram com recursos inimagináveis à época do filme.

Na Exposição, as fotos da década de 1930 até 1960 apresentam imagens “posadas”, quase sem ação em função das limitações técnicas e da linguagem pictorial que procurava imitar a estética da pintura. No período prevalecem fotos de prédios (hospitais, farmácias, postos de

saúde) e cenas de eventos, como uma campanha de vacinação, uma inauguração.

A partir da década de 1970, sente-se uma mudança radical na linguagem fotográfica. Nela há mais ação, perde-se a rigidez, fotografa-se de modo mais informal. São registrados profissionais em atividade, atendimento de pacientes, etc. A composição é concebida sempre no retângulo, na vertical ou na horizontal.

A ausência de rigidez também se observa na maneira de se trajar, na postura dos fotografados. A década de 1960 é marcada por uma revolução cultural que se espalhou por todo o globo e influenciou o modo de ser das pessoas. Isso, obviamente, se refletiu nas imagens produzidas nesse período.

As fotografias digitais são encontradas na terceira sala da Exposição. Visitando as três salas compreende-se a diferença de linguagem em diferentes épocas e modos diversos de tratamento de um mesmo assunto, no caso, a saúde em Londrina. Se as fotografias nas origens da cidade trazem a noção de uma época heróica quando um médico como Gabriel Martins se

locomovia em lombo de burro para atender aos seus pacientes, ou os farmacêuticos faziam as vezes de médicos, na era digital fotografa-se de todas as maneiras e com diversos aparelhos (celular, tablet, etc) quaisquer dramas e belezas do tempo presente.



Fachada do hospital da Companhia de Terras Norte do Paraná. s/data.
Autor: José Juliani/Acervo MHL



Creche, Casa da Criança, 1955.
Autor: Oswaldo Leite/Acervo MHL



A corrida de bicicleta era prática comum nos anos 40 e condição de saúde e bem-estar. Partia-se da Rua Quintino Bocaiúva até a Praça Marechal Floriano Peixoto, 1946.
Autor desconhecido/Acervo MHL.



Campanha de vacinação de cães contra a raiva animal. Década de 1950.
Autor: Oswaldo Leite/Acervo MHL.





instituições



instituições médico-hospitalares nas origens de Londrina

Pesquisar e elaborar uma narrativa sobre características das instituições médicas hospitalares que foram sendo construídas desde a fundação de Londrina, é uma forma de mergulhar naqueles momentos históricos. O resultado deste mergulho propicia uma compreensão e admiração dos personagens envolvidos, e uma percepção de que as instituições construídas, efetivamente fazem parte dos acontecimentos históricos relacionados com o passado mediato ou imediato, e marcam presença no futuro.

Neste sentido, é impossível pensar o que aconteceu em Londrina de 1933/1943, na vinda de médicos e construção de instituições hospitalares, sem considerar a experiência vivida durante a ocupação e colonização do interior do Estado de São Paulo.

Os imigrantes e migrantes formaram as populações da conquista do oeste paulista, e sofreram com as doenças endêmicas e com os acidentes, consequências dos desmatamentos, da formação de cafezais e outras práticas agrícolas. Com o tempo, foram supridas as necessidades da população com instituições hospitalares, principalmente com a presença de médicos que se incorporaram no processo de ocupação e colonização. É só considerarmos que, no início do século XX, o país contava com apenas

dois cursos de Medicina. E até a segunda década do século, nenhum curso no Estado de São Paulo. Mas até 1930 já passaram a dez os Cursos no país, dos quais dois em São Paulo.

A demanda paulista foi um dos principais fatores deste crescimento de cursos, o que causou um significativo aumento de médicos formados e dispostos a migrarem ao interior, inclusive ao Norte do Paraná.

Todo o vivenciado no estado vizinho foi considerado na colonização organizada pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Pois, até ao fundarem a cidade de Londrina, construíram um hospital e contrataram médicos. Os migrantes e imigrantes também foram a base da população que se formou, pois as propagandas veiculadas pelo país, e os emissários na Europa atraíram interessados. Estas propagandas exaltavam a região como sendo de ótimas terras para a agricultura, e garantiam possibilidades de se ganhar bom dinheiro. O cuidado com a saúde foi um item importante nas propagandas, pois existia um hospital e existiam médicos, o que facilitou muito, até pelas experiências do interior paulista, de médicos e outros profissionais da saúde se interessarem pela região.

No ano de 1934 já estavam instalados na cidade três médicos. Dois, trabalhando no Hospital da Companhia

e um, nomeado Delegado de Higiene, responsável pelos problemas sanitários e da saúde pública. A população, em dez anos, chegou a 52.000 habitantes, o que exigia um aumento constante de novas instituições hospitalares e a necessidade crescente de médicos. O que realmente ocorreu, pois no início dos anos de 1940 já eram mais de dez médicos atuantes, e nos primeiros anos de 1950, haviam chegado a Londrina 55 médicos.

O primeiro hospital, como vimos, foi o da Companhia de Terras. Em 1937, Jonas de Faria Castro criou a Clínica Médico-Cirúrgica, conhecida como o 'Hospitalzinho do Dr. Jonas', localizado nos fundos das Casas Pernambucanas. No ano seguinte, 1938, neste Hospitalzinho foi criado o primeiro laboratório de análises clínicas, pelo farmacêutico-bioquímico Arnaldo Pereira B. Manga. No mesmo ano de 1937, com a chegada de Ernesto Cavalcanti, foi fundada a Clínica Médico-Cirúrgica e de Partos, na rua Sergipe. Nesta clínica, também, em 1938, foi instalado o primeiro serviço de Radiologia (Raio X) pelo médico Caio de Moura Rangel.

Ao mesmo tempo que foram criadas novas instituições e chegando novos médicos, a década de 1930 foi relativamente conturbada na problemática da saúde e doença. No ano de 1936, houve uma forte

epidemia da Febre Amarela, e apesar de ser controlada pela intervenção da Fundação Rockefeller, a doença permaneceu latente. Quem mais sofria eram os trabalhadores das frentes de desmatamentos, que geralmente não possuíam recursos para o custeio de atendimentos. Dessa crise se planejou a construção de um grande hospital, que veio a ser a Santa Casa. Mas para resolver o problema emergencial, o novo Delegado de Higiene, Gabriel Martins, constituiu um hospital de emergência, denominado 'Hospitalzinho dos Indigentes', na rua que hoje é a Mato Grosso, perto do Hospital da Companhia.

No ano de 1940, Angelo Decâncio construiu um hospital, a Casa de Saúde Santa Cecília, na Rua Belo Horizonte. Este hospital foi considerado modelo para a época. No início desta década, chegaram quatro médicos da família Rocha Loures, e fundaram a Casa de Saúde e Maternidade Rocha Loures, na esquina da rua Mato Grosso com a rua Cambara. Em 1953, este hospital passou a ser de propriedade de outros médicos e foi denominado Hospital São Leopoldo. Anos depois, passou a ser o CLAM, Hospital da Mulher, que hoje está desativado.

O Hospital da Santa Casa foi construído entre 1940 e 1944, e inaugurado em 7 de setembro deste mesmo ano. A campanha para a construção deste hospital começou com a crise da Febre Amarela em 1936, e a principal atividade seria para realizar atendimentos de caridade,

para os denominados indigentes. Com a inauguração deste hospital de grande porte, foram desativados três hospitais: o Hospital da Companhia, o 'Hospitalzinho dos Indigentes' e o 'Hospitalzinho do Dr. Jonas'.

A década de 1950, foi o período de construção do Hospital Evangélico. Primeiro foi criado um ambulatório com o nome de São Lucas. Em 1953, este ambulatório foi ampliado, inaugurando-se o Hospital Evangélico. Em 1956, foi inaugurado um edifício de maior porte na esquina das ruas Pernambuco e Alagoas, e na década de 1960, com aportes de uma instituição evangélica da Alemanha, foi construído o edifício do atual Hospital Evangélico, na Avenida Bandeirantes, em 1971. A sede do hospital na rua Pernambuco passou a ser a primeira sede do Hospital Universitário da UEL, fundada em 1970.

Na década de 1960, houve dois acontecimentos marcantes na história dos serviços médicos de Londrina, além da construção da atual sede do Evangélico. O primeiro foi a implantação na cidade de serviços de atendimentos previdenciários. Estes serviços foram sendo implantados em todo o interior do país e chegaram a Londrina com a criação dos sindicatos de trabalhadores. Foram planejadas construções de instituições para estes serviços, em Londrina. Porém, com as propostas da Associação Médica, estes serviços foram prestados nas instituições hospitalares construídas por médicos e também na Santa Casa

e no Hospital Evangélico. No ano de 1967, com a implantação do INPS pelo governo militar, todos os Institutos foram unificados e criaram-se todas as condições de ambulatórios para o atendimento destes serviços.

O segundo acontecimento foi a criação de um curso de medicina, em 1967, com o começo de funcionamento, em 1968. Por um lado, este curso significou a afirmação da importância e complexidade dos trabalhos médicos já existentes na cidade. Por outro lado, este curso exigiu a vinda de mais profissionais médicos, academicamente preparados e das mais diversas especialidades, completando, localmente, o quadro de especialidades já existentes no país, que propiciou um salto qualitativo em atendimentos médicos, para a cidade e região.

Estes fatos sustentam a afirmação do início, da relação de acontecimentos do passado com os do futuro: o 'futuro' (1970) sendo marcado pelo 'passado' (década de 1930), com inovações, ousadias e instituições em constante construção para oferecer os serviços de saúde.

Prof. Dr. Hermann Iark Oberdiek
Professor de Ciências Sociais
na Área de Saúde - UEL

Assinatura da escritura do terreno para construção da Irmandade da Santa Casa de Londrina, doado pela Cia. de Terras Norte do Paraná. Sentados: Humberto Puigari Coutinho, Dr. Licínio Maragliano, José Bonifácio Silva, Arthur Thomas, José O. Rocha, Dr. Aristides de Souza Melo. Em pé, entre outros: Elizabeth Thomas, Maria S. Mello, Nina Bonifácio Silva, Celso Garcia Cid e Claudino dos Santos. Autor: desconhecido/Acervo MHL



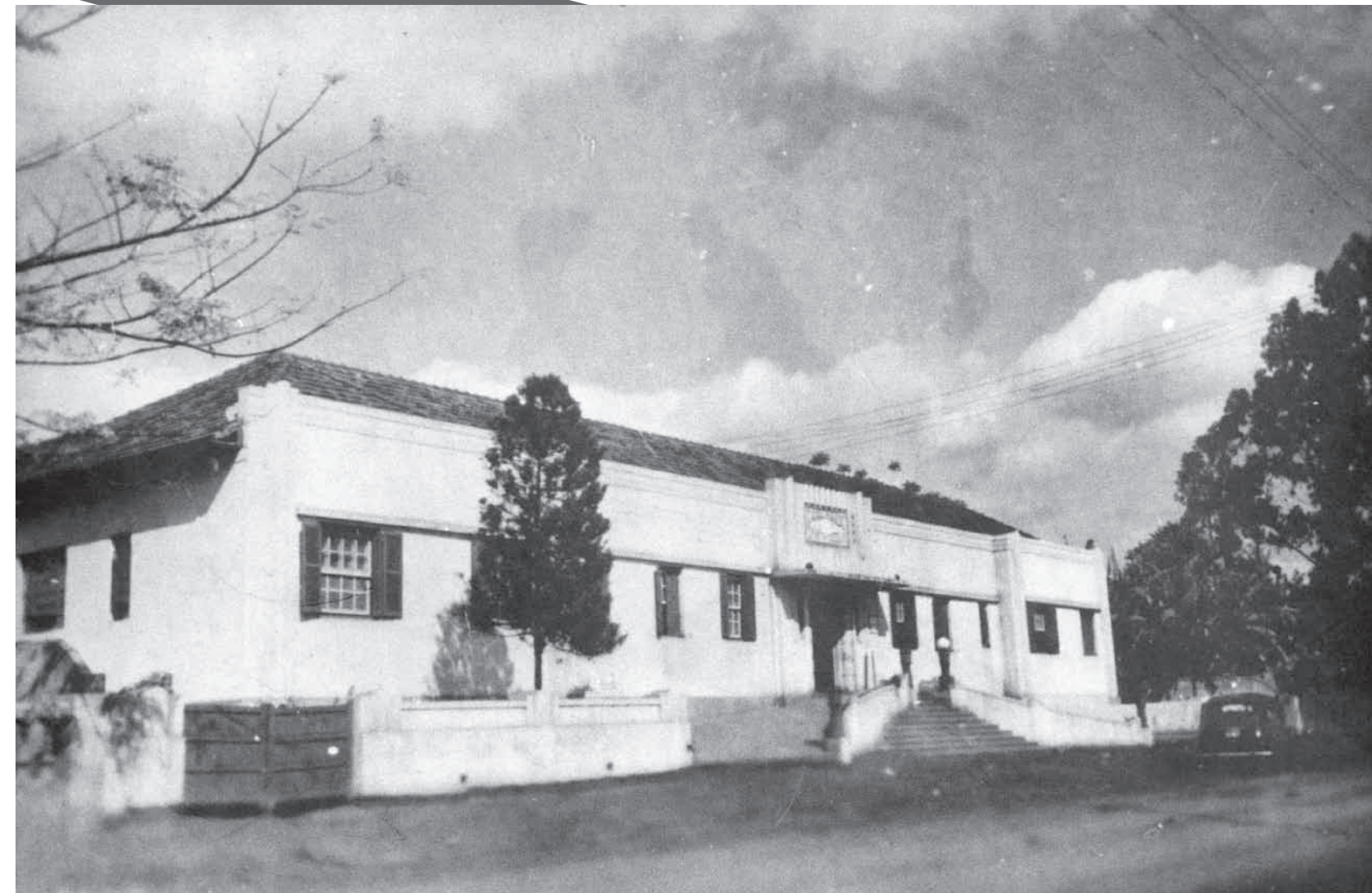
Irmandade da Santa Casa de Londrina, localizado na Rua Espírito Santo. Década de 1940.
Autor: Carlos Stenders/Acervo MHL



Cirurgia na sala principal do primeiro Centro Cirúrgico da Irmandade da Santa Casa. Aparecem: a anestesista Irmã Burga Börmnir, os médicos Dr. Anísio Figueiredo (cirurgião que aparece de costas) e seu auxiliar Dr. João Figueiredo, 1949.
Autor: Carlos Stenders/Acervo Irmandade da Santa Casa de Londrina



Casa de Saúde Santa Cecília, dos sócios Dr. Ângelo Decânio e Dr. Justiniano Clímaco da Silva, inaugurada em 1942 Posteriormente, Hospital Modelo e Hospital Santa Cruz, na Rua Belo Horizonte.
Autor: Daniel Martinon /Acervo MHL



Casa de Saúde e Maternidade Rocha Loures, fundada em 1946 pelos irmãos Josino e Anníbal Alves da Rocha Loures, posteriormente, Hospital São Leopoldo, e mais tarde, CLAM – Conselho Londrinense de Assistência à Mulher. Localizada na Rua Mato Grosso com a Rua Cambará
Autor: Carlos Stenders/Acervo MHL



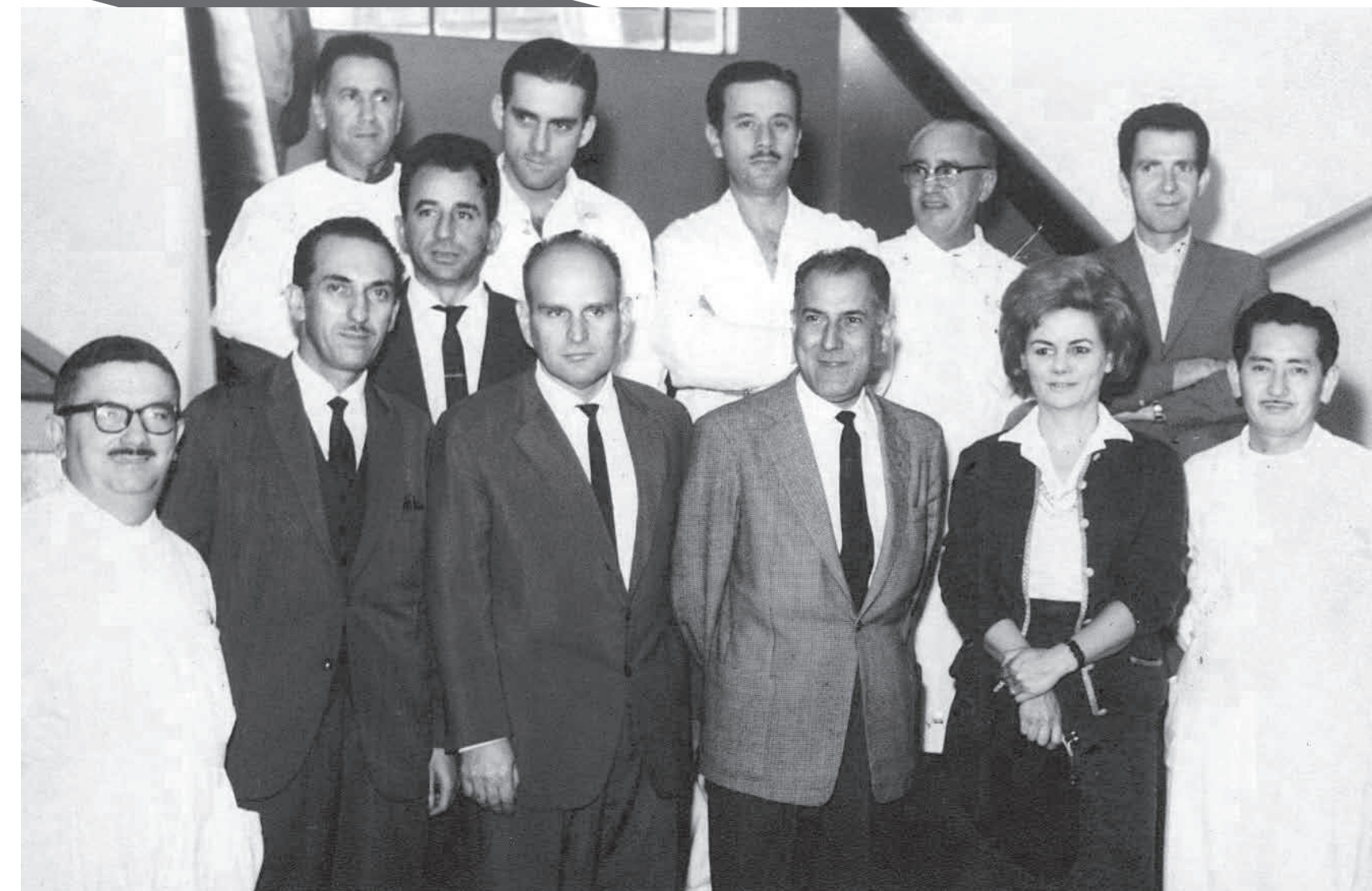
Médicos, enfermeiros e pacientes da Casa de Saúde e Maternidade Rocha Loures. Década de 1950.
Autor: desconhecido/Acervo MHL



Centro de Saúde de Londrina, inaugurado em 1949, na Alameda Manoel Ribas.
Autor: desconhecido/Acervo MHL



Equipe Médica do Centro de Saúde de Londrina. Década de 1950. Aparecem os médicos: Arruda, Saul Broffman, José A. Bockmann, João Dias Ayres, Emilia Arzira Baudi, Frank Ogatta, Paulo Rodrigues, Gil Fernandes Guerra, Luis Carlos Coelho Neto Jeolas, Discesar C. Buquera, Gervásio M. Moraes, Antônio Silva Lopes.
Autor: desconhecido/Acervo MHL



Hospital Evangélico, na Rua Pernambuco com a Rua Alagoas. 1958.
Em 1971 foi transferido para o atual prédio na Avenida Bandeirantes.
Autor desconhecido/Acervo MHL



Primeiro corpo clínico do Hospital Evangélico, 1958. Da esq. p/ dir. os médicos: Vicente José Lorenzo Isquierdo, Issao Udihara, João Henrique Steffen Junior, Regis Salles Azevedo, Heber Soares Vargas, Vander de Carvalho, Wilson Salles, José Luis Pascual Pascual.
Autor desconhecido/Acervo Hospital Evangélico de Londrina



Sede do Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (SAMDU). O posto, por iniciativa de alguns médicos, liderados por José Antônio Queiroz, funcionou no ano de 1960 a 1968. Localizado na Rua Benjamin Constant, onde hoje situa-se uma das entradas do Terminal Urbano de Londrina.

Autor: Oswaldo Leite/Acervo MHL



Vacinação contra varíola na Avenida Paraná. Década 1960.

Autor: Oswaldo Leite/Acervo MHL



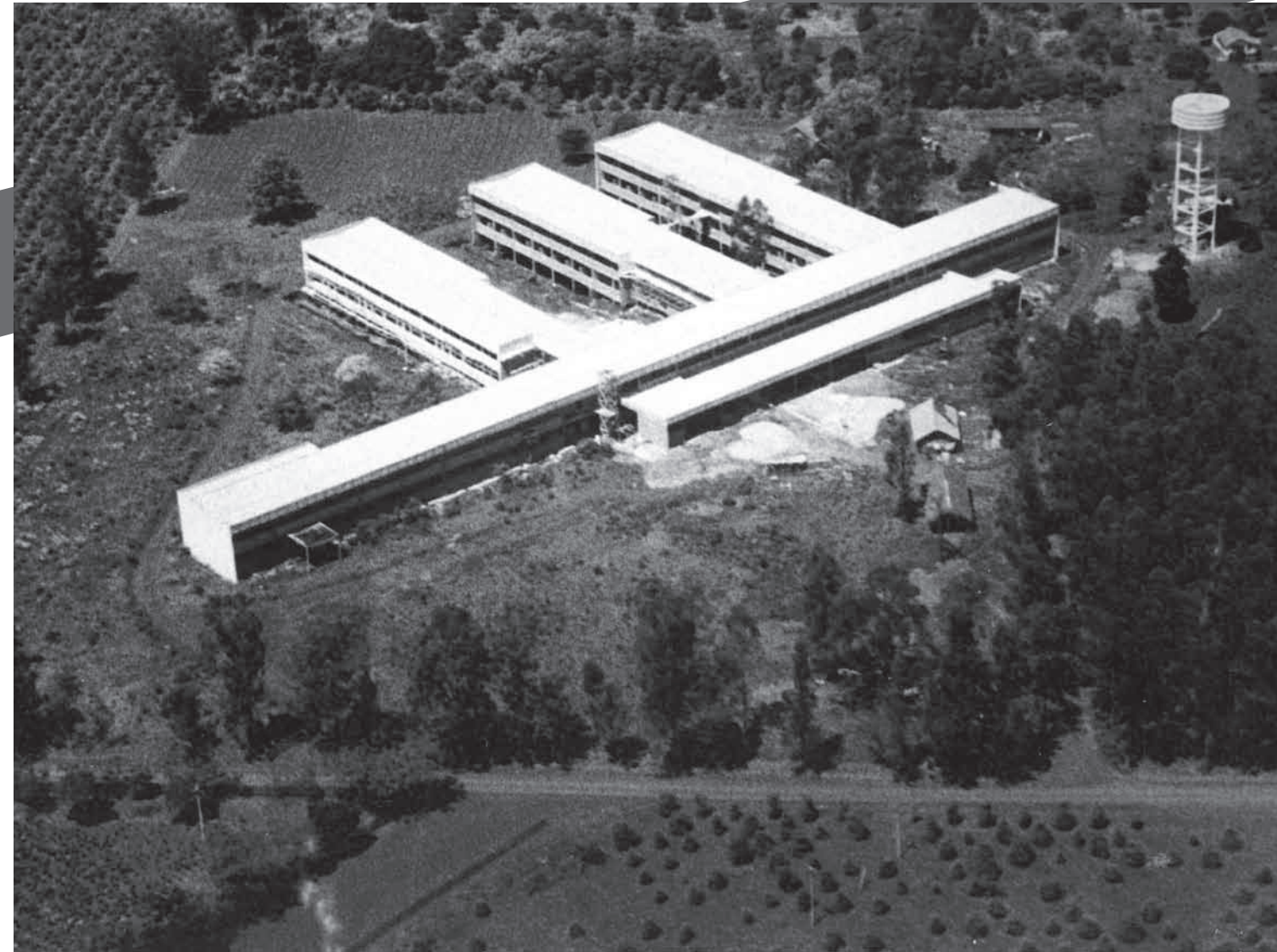
Centro Comunitário da Vila da Fraternidade, 1971.
Autor: Oswaldo Leite/Acervo MHL



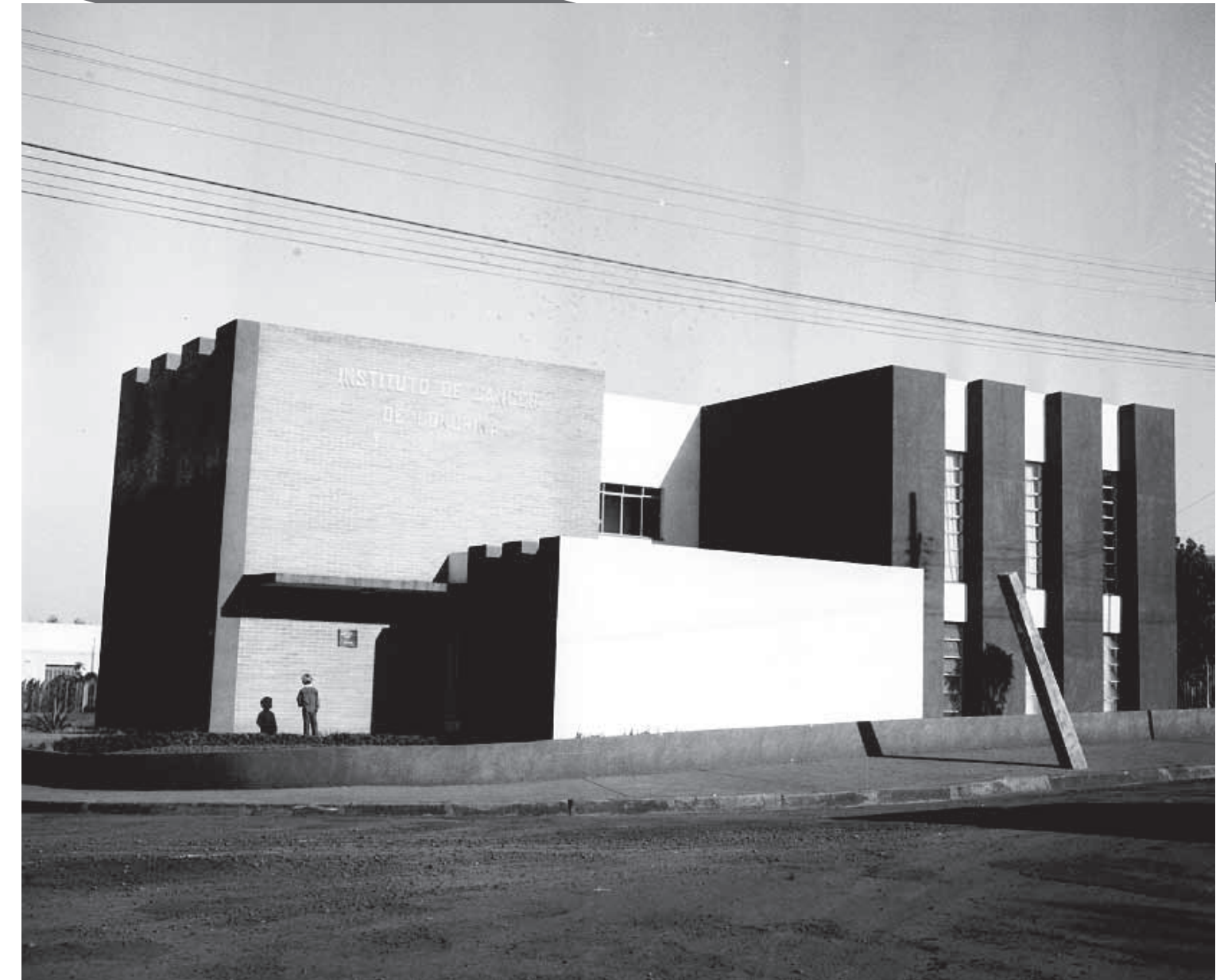
Serviço de Imunizações no Centro de Saúde de Londrina. Fausta Fornitani Elias. s/data.
Autor: desconhecido/Acervo MHL

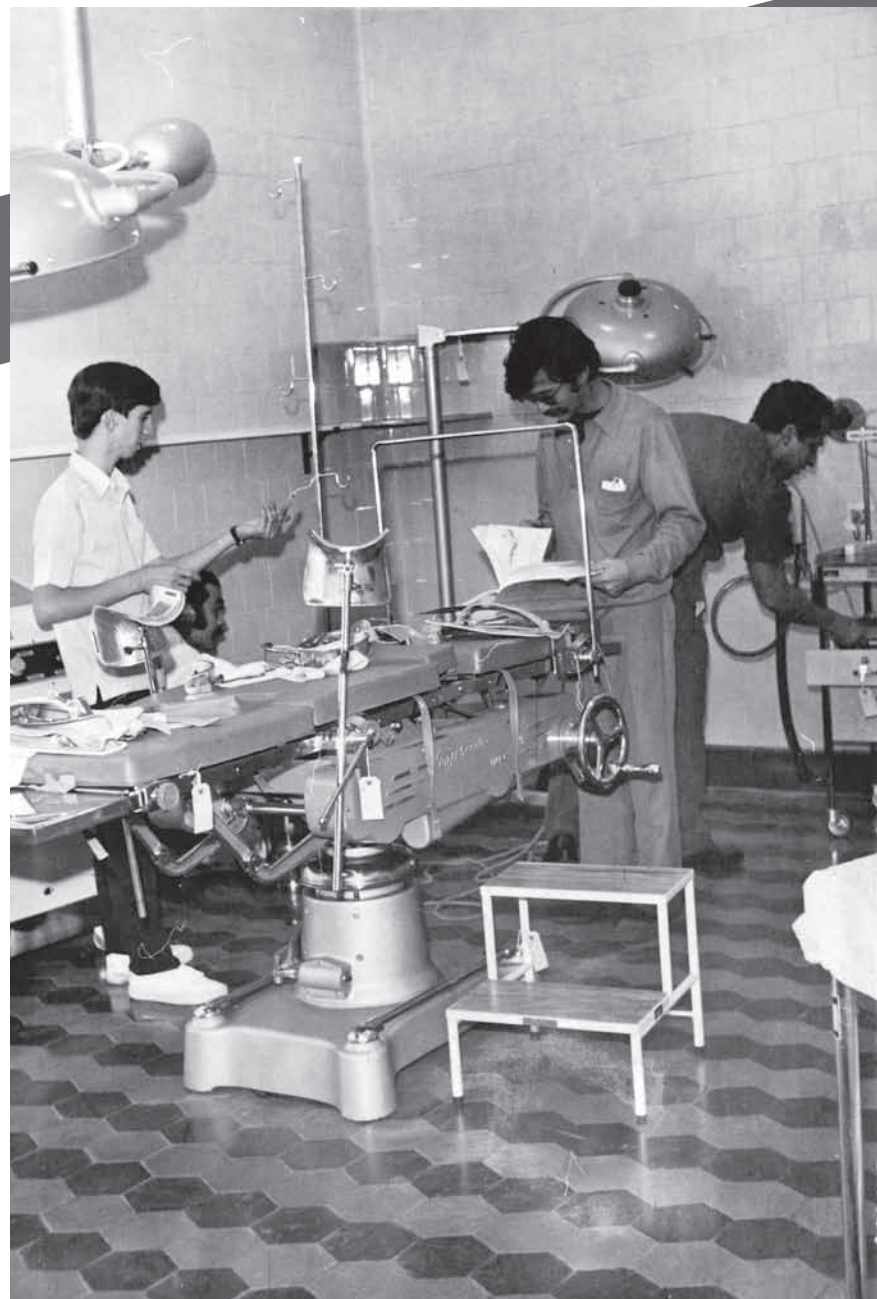


Instalações do Sanatório de Tuberculose Noel Nutels, inaugurado em 1967. Em 1975 passou a sediar o Hospital universitário (UEL) transferido do prédio da Rua Pernambuco com Rua Alagoas cedido pela Sociedade Evangélica de Londrina.
Autor: Oswaldo Leite/ Acervo MHL



Instituto do Câncer de Londrina, fundado em 1965 com o nome de Centro Norte Paranaense de Pesquisas Médicas, localizado na Rua Corcovado.
Autor: Oswaldo Leite/ Acervo MHL





Guarda o leite no hospital local, para onde foi levada, a fim de ser submetida a uma melindrosa intervenção cirúrgica, a exma. snra. d. Nair Coutinho, esposa do redactor desta folha. A distinta senhora, depois de habilmente operada pelos drs. João Figueiredo, Kurt Muller e Oswaldo Dias, foi posta fóra de perigo e acha-se em franca convalescência.

Inspector de hygiene

Por acto do snr. dr. Prefeito Municipal, foi nomeado inspector de hygiene municipal, o dr. Gabriel Carneiro Martins, ha dias chegado de Curitiba e que já se acha no exercicio do cargo.

Conserve sua saúde

Guardando seus alimentos em gelo.
O leite, principal alimento das crianças e dos convalescentes, necessita ser conservado em gelo; do contrario se tornará um perigo como grande receptor de microbios que é.
Os alimentos de um dia para outro, devem ser guardados em gelo, do contrario constituirão um perigo para a saúde.
Tome uma assignatura mensal de gelo na

FABRICA POLO NORTE

PARA A SANTA CASA E HOSPITALZINHO

Foi-nos entregue pelo snr. Manoel Lopes Martinez, residente nesta cidade, a importancia de Cr. \$50,00, sendo Cr. \$35,00 destinados á Santa Casa de Londrina e Cr. \$15,00 ao Hospitalzinho.

Essas importancias poderão ser procuradas nesta redação.

parteilas



A parteira leiga, também chamada durante muito tempo de “curiosa”, é hoje denominada de “parteira tradicional”. No Brasil, ela exerce a função de assistência ao parto natural, utilizando o saber empírico para desempenhar tal atividade. Em geral, é uma mulher de meia-idade, analfabeta ou apenas alfabetizada. Contudo, é reconhecida pela comunidade em que vive como competente para a prática.

Em alguns poucos casos, essas mulheres receberam treinamento e iniciaram suas atividades, auxiliando um médico em uma clínica, hospital ou consultório, ou mesmo em atendimentos domiciliares. Contudo, a regra é a parteira de origem rural e que vive (ou atua) em locais distantes de qualquer recurso médico. Nessas situações, a solidariedade entre vizinhos e parentes é um fator fundamental para a sobrevivência do grupo.

Existiu também a parteira diplomada ou “obstetiz”, a partir da organização do Curso de Partos, em 1832, nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Ao longo do século XX, tais cursos foram também oferecidos pelas Faculdades de Enfermagem. Estas foram algumas das iniciativas, no País, do ensino formal para mulheres voltados à prática da parturição, de acordo com o conhecimento médico.

Durante as décadas de 1930 e 1940, a dinâmica econômica e o grande crescimento populacional trouxeram a Londrina (PR) um número cada vez maior de pessoas. A população crescente necessitava de atendimento. Atraídos pela fama de terra promissora, médicos e obstetizes chegaram à cidade.

Estas últimas eram as profissionais que realizavam partos e tinham concluído cursos em Faculdades de Medicina.

Entre elas, destacaram-se as parteiras japonesas; ficaram muito conhecidas e marcadas na memória dos londrinenses. Alguns relatos demonstram a raridade de parteiras no lugar. Essa situação pode estar relacionada ao fato de que pouquíssimas profissionais obstetizes foram formadas pelas Faculdades de Medicina no Brasil e de que houve uma homogeneização do grupo, em razão do emprego do termo “parteira”, independentemente do tipo de conhecimento que cada uma empregava para atuar.

Entretanto, as parteiras que de fato realizavam a maioria dos partos eram as conhecidas como “aparadeiras” e “curiosas”. Lado a lado com as obstetizes orientais e brasileiras, também parteiras tradicionais paulistas, mineiras, nordestinas e descendentes de orientais atuaram na região. Em situação de necessidade, toda mulher que tivesse

passado pela experiência do parto poderia tornar-se parteira, mesmo que de forma momentânea. Na ausência de alguém reconhecido como competente para realizar o parto, era corriqueiro a mulher que fosse mãe há mais tempo e houvesse dado à luz a maior número de filhos ser chamada para assistir à parturiente e à criança.

Mas, afinal, o que leva uma mulher a se tornar parteira? A hora do parto é um misto de angústia, felicidade, dor, medo e ansiedade. É uma tarefa difícil! No início de suas práticas, essas mulheres não se viam como pessoas cujo papel era o de assistir a partos. A mudança se dá no momento em que elas foram reconhecidas, por parte da comunidade, como capazes para a assistência, ou quando receberam a incumbência de uma parteira mais experiente. A coragem de atender outras mulheres, ou de cuidar de alguém doente, foi condição inicial para todas. Em seguida, vinham o amor ao próximo e a caridade, materializados na solidariedade.

As parteiras eram (e em muitos lugares ainda são) pessoas influentes, muito conhecidas e respeitadas. Tinham o papel de conselheiras e educadoras. Líderes reconhecidas, em muitas situações rivalizavam com autoridades religiosas, políticas e policiais. Elas também atuaram quase como se fossem assistentes sociais,

levando amparo, não só emocional, mas também material às pessoas mais pobres. A pobreza não era apenas amenizada por não se cobrar pelo atendimento (que era feito por “amor ao próximo”); o alívio vinha, também, em forma de alimentos e remédios que as parteiras distribuíam aos necessitados.

Nesse caso, o auxílio provinha das parteiras mais abastadas e daquelas que possuíam mais recursos, bem como de famílias mais ricas que as conheciam e nelas confiavam.

Há um “espírito de parteira” compartilhado de forma silenciosa e, algumas vezes, inconsciente por essas mulheres. Uma espécie de percepção ou sentimento de missão e responsabilidades que, somado aos atributos já mencionados (coragem, solidariedade e curiosidade) conferia à parteira um diferencial em relação às outras mulheres. A “curiosidade”, aliás, é sinônimo de “parteira” no Brasil, e a palavra “curiosa” é repetidamente empregada pelos profissionais de saúde para designar a parteira tradicional.

O Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda, registra o termo “curiosa” com o significado dado pelos profissionais de saúde, ou seja, o de parteira sem habilitação legal. Porém, para o vocábulo “curioso”, o mesmo dicionário apresenta, entre outros, o seguinte significado: “indivíduo que, embora sem conhecimentos teóricos, entende de muita coisa; prático.

Profissional sem diploma, conforme nesta acepção: curiosa”.

O léxico também aponta uma outra significação: “curioso” também é “o indivíduo que, embora sem interesse pessoal no fato, dele participa como ‘espectador’”.

Ele seria ávido por esquadrihar assuntos de outrem, bisbilhoteiro e indiscreto. Mas o significado mais intrigante é o primeiro: “cuidadoso, cuidadoso, zeloso”. Ressalta, nessa primeira acepção, o ato de cuidar. Assim, misturam-se, no termo “curiosa”, a vontade de saber, o domínio do conhecimento por meio da experiência, a prática e o ato de cuidar. Não é à toa que a expressão substitui, na fala popular, o termo “partear” pelas palavras “zelar”, “cuidar” e “olhar”.

As parteiras se diferenciam das outras mulheres pela coragem de enfrentar situações como a responsabilidade de realizar um parto, o bem-estar da mãe e do recém-nascido, a vida ou a morte de dois seres humanos, em lugares onde não havia nenhum outro recurso.

São necessários coragem e autocontrole para atravessar invernadas escuras, no lombo de uma mula ou a pé, debaixo de chuva fina ou tempestade, e ir até a lugares remotos, a esconderijo de bandidos e prostíbulos para realizar uma parturição. Também é preciso possuir nervos de aço para aguentar as emoções contraditórias e fortes provocadas pela cena do parto, afora o fato de ter que lidar com os resíduos orgânicos, que para

muitos causam repulsa.

A fé, em tais ocasiões, é amparo fundamental para essas mulheres. A religiosidade está presente de forma marcante na prática das parteiras e faz parte do substrato de valores do povo brasileiro - em grande maioria, sabidamente religioso. Percebe-se que os valores morais (os quais impulsionaram essas “curiosas” para a prática do partejamento) têm na fé e na religiosidade sua base, isto é, os ideais de amor ao próximo e de caridade da ética cristã. Em locais remotos, distantes até mesmo de templos religiosos, a necessidade de amparo mútuo é condição primordial para a subsistência.

Assim, a solidariedade fala mais alto, em um primeiro momento, por questão de sobrevivência, ainda que fundamentada, inegavelmente, nos valores religiosos. Tais fatores propiciaram as condições para suportar as adversidades e emprestaram significados a essas situações, mediante a esperança e a fé.

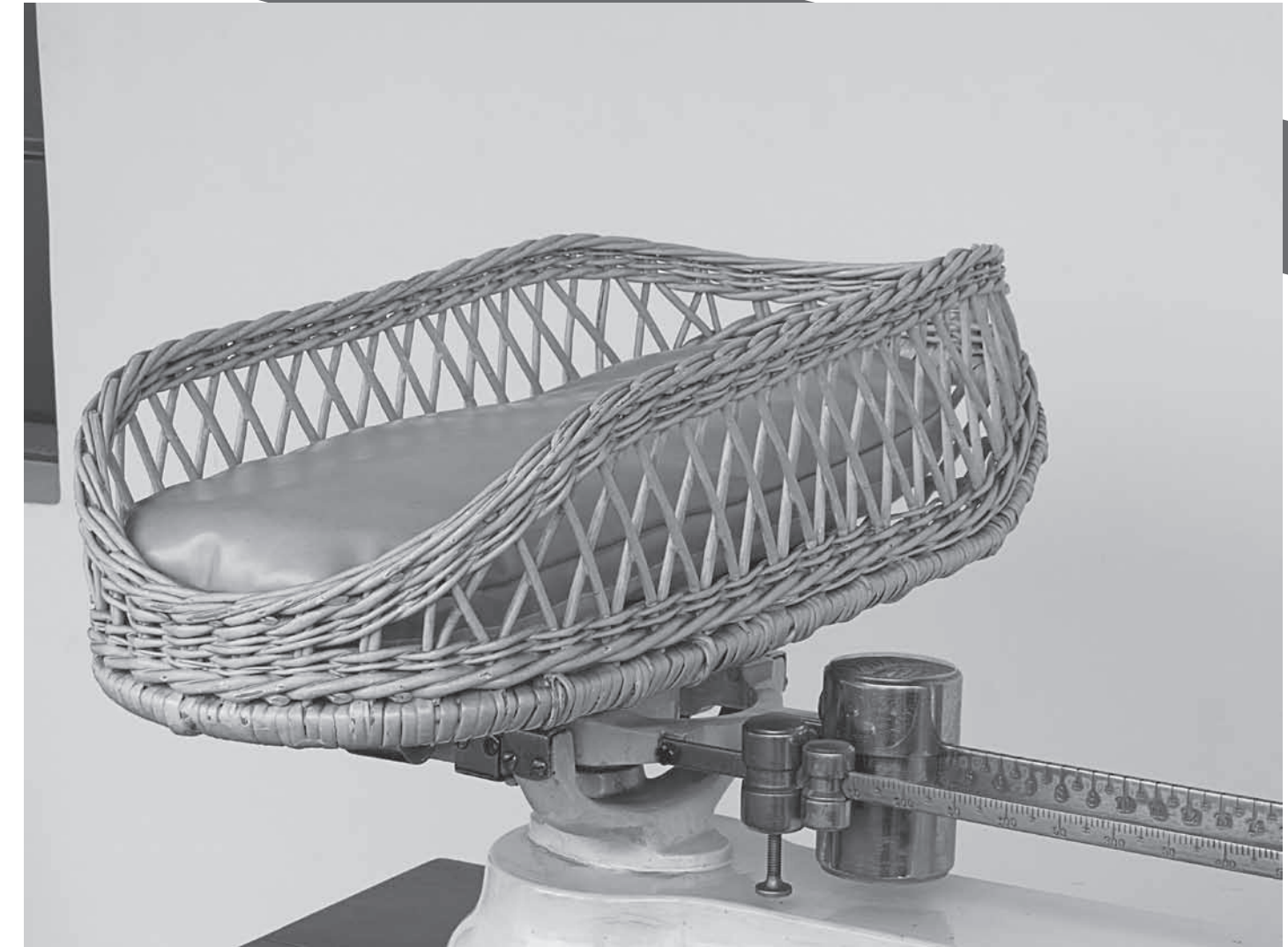
Portanto, a coragem, a fé, o amor ao próximo, a solidariedade, o cuidar do semelhante e a curiosidade - vontade de saber, o conhecimento atingido por intermédio da experiência - são os atributos que constituem o “espírito de parteira”.

Lúcia Glicério Mendonça
Mestre em História das Ciências da Saúde - Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ;
Doutoranda em Museologia - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

María Shimiyo Tan, considerada a primeira parteira do Norte do Paraná.
Autor desconhecido/Acervo MHL



Balança usada pelo pediatra Dr. Afonso Nacle Haikal em seu consultório.
Reprodução: Rui Cabral/Acervo MHL



pharmacias



As farmácias e os farmacêuticos no início da colonização representaram um importante papel, no dia a dia da população, milhares de pessoas chegavam atraídas pelas propagandas da Companhia de Terras Norte do Paraná, vindo se estabelecer no Patrimônio Três Bocas (Londrina). O crescimento da população aumentava a demanda de serviços de saúde e se diversificava na mesma intensidade e velocidade. Ocorriam muitos acidentes provenientes da derrubada da mata, além das doenças como: malária, tifo, febre amarela; outras comuns, como parasitárias.

Em 1933, no Hospital da Companhia de Terras Norte Paraná já funcionava uma farmácia, administrada por Hilário Scharf, contratado pela Cia. para atender os funcionários e quem pudesse pagar pelos serviços.

Em 1934, surge o prédio da primeira farmácia de propriedade de Prisciano Gurgel de Macedo na esquina da atual Rua Maranhão com a Avenida Rio de Janeiro. Mais tarde, no mesmo local a farmácia foi adquirida pelos sócios farmacêuticos Benjamin Hosken e Pedro Nolasco da Silva que deram o nome de Farmácia São João. E, tempos depois, vendida ao farmacêutico Edgar Paes de Melo que dá o nome de farmácia Nossa Senhora Aparecida.

No mesmo ano, o farmacêutico Daniel Gomes Leme instalou a segunda farmácia em Londrina, em uma residência de madeira, na esquina da rua Minas Gerais (atual Senador Souza Naves), esquina com Piauí. Posteriormente, transferiu-se para mesma rua, entre as ruas Sergipe e Maranhão. Na década de 1940, muda-se novamente para um novo prédio na rua Minas Gerais, n.749, sendo vendida para João Ideriha e Shiguo Okamura.

Outras farmácias se estabeleceram na cidade, no final dos anos 1930 e 1940, como as farmácias Paranaense”, na rua Minas Gerais (prédio da Associação Comercial); Maria Izabel na Avenida Paraná, n.431; Cruzeiro na rua Sergipe 536; N. Sra de Lurdes na Avenida Paraná; Brasil na Avenida Paraná, n.154; Choicar na rua Maranhão; União na rua Minas Gerais, n.749; Catedral na Avenida Paraná; Neofarm Ltda. na Avenida Paraná, n.626; Farmácia Viana na rua Marechal Teodoro, n. 87; Central na rua Minas Gerais, 1129; Modelo na rua Quintino Bocaiúva; Drogasil na Avenida Paraná, n.466; Esperança na rua Heimtal (atual Av. Duque de Caxias).

Há poucas informações referentes aos antigos farmacêuticos. O que se conhece deve-se a alguns depoimentos e relatos de profissionais

e de seus descendentes.

Formados em instituições acadêmicas ou com treinamento para práticos repassados através do cotidiano da farmácia, esses profissionais foram, em vários aspectos, referências sociais positivas para a sociedade da época. Muitos deles iniciaram as atividades como aprendizes de farmacêuticos e, mais tarde, tornaram-se práticos e farmacêuticos provisionados. Porém, inspirava confiança pela precisão na manipulação das fórmulas e na orientação dada a clientela no balcão. Em muitos momentos, substituíam os médicos, pois sua relação com os doentes era mais próxima e acessível para a população em geral.

Segundo relato de Arailde, esposa do farmacêutico, João Ideriha começou como aprendiz na farmácia de Benjamim Hosken e, posteriormente, trabalhou com o Dr. Jonas Farias de Castro. Em troca, aprendeu a aviar receitas, aplicar injeções e a manipular remédios, práticas comuns aos que iniciavam nesta profissão.

Ele comprou a farmácia do antigo proprietário Daniel Gomes Leme, dando o nome de Farmácia União, localizada na Rua Minas Gerais, onde hoje se encontra o Estacionamento Ouro Verde. Mais tarde, mudou-se para a Rua Sergipe entre a rua Mato Grosso e Minas Gerais.

Teve reconhecimento como farmacêutico oficial, por volta de 1965, conforme consta na Carteira de Identidade Profissional. João, também foi proprietário de outro estabelecimento, a Farmácia Guanabara que ficava na Rua Guaporé.

Sebastião Carmagnani, outro farmacêutico provisionado, relata, em seu depoimento, que o médico solicitava o produto manipulado, e o farmacêutico seguia as orientações prescritas. Não podia ocorrer erro. O preparo da dosagem da aspirina em forma de pó era em papezinhos de celofane transparente. Neles era colocada a dosagem prescrita, quaisquer que fossem os sais. A dosagem do medicamento era feita em balança de precisão, depois de fechados os papezinhos eram entregues aos clientes.

Em 1938, Alseno Segatin, começou a trabalhar com 14 anos na Farmácia Nossa Senhora Aparecida, localizada onde hoje está o Edifício América, sendo registrado em Carteira Profissional. No ano de 1951, em sociedade com Ivo Ferreira Leite abriram a Farmácia Central na Rua Minas Gerais na esquina com a Rua Goiás, atual Rua Senador Souza Naves, onde permaneceram até o ano de 1953, quando comprou a parte do seu sócio e se instalou em outro local na mesma rua.

Alseno Segatin lembra que, muitas vezes, auxiliava nas cirurgias

realizadas por Dr. Jonas Farias de Castro, segurando o lampião. Em épocas de epidemias, malária, tifo, febre amarela, o farmacêutico passava a noite preparando as cápsulas com capsulador manual. Segatin está entre os farmacêuticos que introduziram, em Londrina, a sulfa para o combate de infecções. Como presidente do sindicato dos estabelecimentos de Londrina, nos anos de 1970, Segatin teve importante participação do movimento nacional pela aprovação da Lei lutando pela regulamentação que garantia a permanência do farmacêutico prático e oficial, tornando-o provisionado pelo Conselho Federal e Conselhos Regionais de Farmácia e podendo assumir a responsabilidade técnica do estabelecimento.

Quanto aos medicamentos na maioria das vezes eram manipulados na própria farmácia: pomadas, xaropes, supositórios, pílulas, óvulos vaginais, cápsulas e tantos outros. Na década de 1940, a indústria farmacêutica investiu amplamente em publicidade para substituir os medicamentos manipulados pelos industrializados. Em pesquisa no Jornal Paraná Norte de Londrina constatam diversos anúncios de medicamentos, estes, com o correr do tempo, substituíram as fórmulas manipuladas pelo farmacêutico.

Ao final deste texto, faz-se necessário registrar que o Curso de Farmácia foi implantado pela Universidade Estadual de Londrina

em 15/02/1969. Atualmente, tem duração mínima de cinco anos, em período integral, com o objetivo de formar o profissional farmacêutico com conhecimento amplo e integrado nas áreas do Medicamento, das Análises Clínicas e Toxicológicas e do Alimento, inserindo-o no contexto social, político, econômico, tecnológico e científico.

A criação desse curso é um marco para a efetiva transformação das práticas farmacêuticas.



1958
Almanaque
BRASIL

Oferta da
DROGARIA E FARMÁCIA MARIA ISABEL
Farmacêuticos: Pullin, Schietti & Cia.
AV. PARANÁ, 431 — FONE: 110
LONDRINA PARANÁ
240/10.000



Pharmacia São João
— PHARMACEUTICO —
Prisciano Gurgel de Macedo
Drogas e preparados nacionais e estrangeiros.
O melhor estabelecimento no genero nesta zona.
Aviam-se receitas a qualquer hora.
LONDRINA

VE QUER SER BEM SERVIDO? — PROCURE A
Bela Pharmacia do Hospital: *Pharmacia Paraná* (Prédio das Casas Perambulantes)
Bo Phco. Hilaro Scharf A Pharmacia de confiança

FARMACIA N. S. DE LOURDES
DE BENEVENUTA GOMES CANALE
Avenida Paraná (Junto à Casa Fugante)
Recebe variados sortimentos de remédios do Laboratório Catedral, bem como espelhos e tinturas de varios laboratorios homeopaticos.

FARMACIA BRASIL
Alcantara & Cia.
COMPLETO SORTIMENTO DE PERFUMARIAS, ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS E PRODUTOS QUIMICOS — SERVICOS NOTURNOS
Avenida Paraná — Caixa Postal 154 LONDRINA — Estado do Paraná

FARMACIA CRUZEIRO
Fundada em 20-4-1909
Farmaceutico: ILDEFONSO WERNER
Aviam-se receitas medicas a qualquer hora
Perfeição, escrupulo e rapidez.
RUA SERGIPE, 588

Drogaria e Farmacia Paranaense
Pullin, Schietti, Mello & Cia.
FARMACEUTICOS, DROGUISTAS E IMPORTADORES
Rua Minas Gerais (Predio da Associação Comercial)
ARTIGOS FARMACEUTICOS EM GERAL
ARTIGOS DENTARIOS - DROGAS PARA LAVOURA
PERFUMARIAS - HOMEOPATIAS
— VENDAS POR ATACADO E A VAREJO —
FILIAIS
Farmacia N. S. Aparecida
Rua Maranhão
Farmacia Maria Izabel
Avenida Paraná N.º 993
LONDRINA
AGRADECEMOS SUA PREFERENCIA

DROGARIA E FARMACIA PARANAENSE
Pullin, Schietti, Mello & Cia.
RUA MINAS GERAIS
Predio da Associação Comercial
— FILIAIS —
FARMACIA MARIA-IZABEL - AV. PARANÁ 1089
FARMACIA N. S. APARECIDA - R. MARANHÃO 596
LONDRINA

AMAIOR organização de drogas NORTE-PARANANENSE

Farmacia NOVA Brandão & Cia.
FARMCO. RESP.
SAUL DE BARROS LISBOA
RUA QUINTINO BOCAIUIVA NUM. 553
LONDRINA
ESTADO DO PARANÁ — E. F. S. P. P.

Pharmacia Gomes
Completo sortimento de drogas e especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras.
Compras feitas directamente das melhores casas.
Preços menores possíveis
Manipulação rápida e escrupulosa — sob a direcção dos pharmaceuticos
DANEL GOMES LEME
E
ANTONIO MUNZ FRANCO
(Próximo à Estação Rodoviária)
Rua Minas Geraes LONDRINA





Farmácia São João, de Prisciano Gurgel de Macedo. Localizada na Rua Maranhão, esquina com Avenida Rio de Janeiro. Início da década 1930.
Autor: José Juliani/Acervo MHL



Farmácia Nossa Senhora Aparecida, de Edgar Paes de Mello, posteriormente pertenceu a Eduardo Benjamin Hosken e a Pedro Nolasco. Localizada na Rua Maranhão, esquina com Avenida Rio de Janeiro. 1937.
Autor: desconhecido/Acervo MHL



Farmácia e Drogaria São João, de Eduardo Benjamin Hosken e Pedro Nolasco. Localizada na Avenida Paraná. 1938.
Autor: A. M. Gomes (reprodução do livro *Álbum do município de Londrina*.
Londrina : Typographia do Paraná-Norte, 1938. p.16). Acervo MHL



FARMACIA e DROGARIA SÃO JOÃO
Propriedade de **HOSKEN & CIA.**

ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS NACIONAES E EXTRANGEIRAS - ARTIGOS DE BORRACHA
Homœopatia - Perfumarias finas, nacionaes e estrangeiras.

Direção tecnica e comercial do Farmaceutico
EDUARDO BENJAMIN HOSKEN
Av. Paraná n.ºs 822-826 - Londrina - Paraná

Farmácia Gomes. Localizada na Rua Minas Gerais, em frente à farmácia Daniel Gomes, Antônio Franco, farmacêutico responsável e Valter Gomes Leme. 1935.
Autor: desconhecido/Acervo MHL



Farmácia Paraná. Localizada na Avenida Paraná, ao lado das Casas Pernambucanas. Década 1930.
Autor: desconhecido/Acervo MHL



Farmácia Maria Izabel na Avenida Paraná. Na porta, o médico Dr. Justiniano Clímaco da Silva. Década 1940.
Autor: desconhecido/Acervo MHL



Interior da Farmácia Maria Izabel, localizada na Avenida Paraná.
Na foto, da esquerda para direita: o primeiro, José Schietti, e o quinto, Orestes Pullin. 1958.
Autor: desconhecido/Acervo MHL



Farmácia Gomes, na Rua Minas Gerais.
Na foto ao centro, entre dois balcões, o farmacêutico Edgard Paes de Melo. s/data.
Autor: desconhecido/Acervo MHL



Ildefonso Werner, proprietário da Farmácia Cruzeiro, localizada na rua Maranhão. Década 1940.
Reprodução do jornal Paraná Norte. v.6, n.272, p.1b, 1 jan. 1940.

UM PHARMACEUTICO DE VALOR

Ildefonso Werner, proprietário da "Pharmacia Cruzeiro", desta cidade

Em março deste ano, estabeleceu-se em Londrina, com a bem montada Pharmacia Cruzeiro, á rua Maranhão, 365, o sr. dr. Ildefonso Werner, procedente de Presidente Soares, Minas.

Cercou-se desde logo o distinto pharmaceutico de geral conceito, pelos seus evidentes predicados de cultura e honestidade. E o dr. Ildefonso Werner, sem duvida alguma, é um dos elementos que vieram beneficiar



o meio londrinense com a sua vinda para aqui, pois, formado em 1927, pela Faculdade de Leopoldina, Minas, bem cedo revelou decidida capacidade, tanto assim que, além de exercer com laureado êxito a sua profissão naquella cidade mineira, ali foi, também, professor de Physica, Chimica e Historia Natural no Gymnasio Evangélico.

Confraternização por ocasião da fundação da UFAMP-União Farmacêutica do Norte do Paraná. 1961.
Autor: Augusto Galante/Acervo MHL





práticas
religiosas

práticas e rituais de cura memórias das populações negras em londrina

- Não, a cidade, quando começou, era só mato e rancho de palmito... não tinha nem Casa de Santo, nem nada... as pessoas eram tudo muito longe, tudo muito pobre e sofrido. Coisa de Santo aqui era mais feitiço e remédio, coisa de índio, de caboclo. O Santo mesmo, e não era Candomblé, não, era mais uma Umbanda, assim, meio misturada, muita coisa de cigano, era Santo, que o Santo é da natureza, não é? mas não era com festa nem feitura nem nada. Era só aquela coisa que tava no ar... (Ogã G.: 1999): citação de entrevista: ANDREI:2001:18

Londrina, em sua fundação, era terra de muitos tipos humanos, vindos de toda parte e com interesses variados. Era uma terra inóspita, porém como todos eram estranhos e aventureiros, estabeleceu-se uma espécie de pacto de convivência. Não havia hospitais nem farmácias, médicos eram poucos e as pessoas se tratavam como podiam com ervas, benzimentos, esconjuros e similares. Todos estavam aqui pensando num futuro melhor, numa aventura ímpar, pois haviam deixado sua terra de origem, seus parentes e pertencentes para buscarem um mundo de riqueza e fartura.

Desta forma, a presença dos cultos populares de matriz indígena e/ou africana se insinua, desde a

fundação da cidade, na década de 1930, sob a forma do “feitiço” ou da “reza” que potencializava os chás, emplastos e poções – na verdade, a natureza, os índios Kaingang e o próprio desafio de erguer esta cidade nova se afiguravam como uma empreitada “mágica”, impossível, cheia de ameaças de dimensões inumanas, donde, apenas o feitiço para dar conta das maleitas, dos escorpiões, das febres, dos partos perigosos, dos azares do corpo e do destino.

Cada grupo trouxe seus saberes étnicos e tratou de adaptá-lo a esta terra e a suas condições, mas, para os trabalhadores mais pobres e para as pessoas marginalizadas, apesar dos esforços de profissionais abnegados como o Dr. Justiniano Clímaco, os recursos para curar os males e doenças do cotidiano estavam na medicina alternativa, praticada pelos especialistas populares: benzedeadas e ervaes que somavam conhecimento empírico com saber sagrado. Da época dos anos 50, são lembrados o Pai João e a Mãe Jacinta que, dizem, “era gente de Santo, feiteiro, mas não botava Candomblé, que naquela época não tinha como.”(Iyá Mukumbi:1999). O

Candomblé, na forma de Terreiros organizados, segundo “Nações africanas”, só viria a aparecer mais tarde, na década de 60, tendo seu apogeu em 75, quando houve a Grande Geada que acabou com o café, derrubando muitos fazendeiros na miséria – diante do desastre natural, todos os recursos foram mobilizados à busca de uma solução.

A cura mágica desses primeiros “curandeiros” negros era provavelmente baseada na presença do Caboclo, seja no seu aspecto de Caboclo de pena - o índio - seja no seu aspecto de Caboclo Boiadeiro, mais do que no modelo do Orixá, de matriz africana. A cura para as doenças vinha da própria terra que era promessa e, ao mesmo tempo, ameaça, como ecoa a fala de um ervaes que tinha sua loja na Av. Duque de Caxias, buscando, na sabedoria indígena, o aval para sua sabedoria e para a eficácia de suas ervas:

- Eu trabalho com ervas desde menino... Sou de Pernambuco e cheguei aqui em 1938, isso era só mato e nós ponhamos nosso rancho lá pro meio do mato. Minha mãe já sabia rezar e lidar com chá e remédio, que ela era meia bugra, foi com ela que eu

aprendi muita coisa. Índio aqui tinha bem perto mas os home tocavam eles... era muito jagunço aqui, matavam e deixavam os corpos boiando rio abaixo que era pra assustar nós. Não dava pra aguentar, a gente não tinha dinheiro pra botar data e teve de trabalhar pros outros. (...) As coisas que eu sei e tô vendendo, as ervas secas e as garrafadas, é tudo sabedoria da terra, coisa dos índios, coisa de gente mais antiga. (Seu D.: 1995): citação de entrevista: ANDREI:1991:52).

Aos índios e negros, podemos certamente, acrescentar os ciganos. Do cadinho humano que fundou Londrina, faziam parte os ciganos nômades, acampados em algum canto da futura e incipiente cidade. Eram do grande grupo Rom, chegados da Europa do leste nos finais do século XIX e começo do século XX, vindos através do Chile. Pertenciam a um clã chamado Horarranê, e ainda falando mal o português, comunicavam-se em romanês ou castelhano, mas logo fizeram fama, pois os homens compravam e vendiam cavalos, o melhor e mais útil meio de locomoção, naqueles tempos pioneiros, e as mulheres, apesar da desconfiança, por causa dos seus costumes e trajes estranhos, eram muito procuradas, porque prometiam ver o futuro nas palmas das mãos ou através das cartas do baralho cigano, somando

seus saberes exóticos ao acervo da prevenção e da cura dos males do corpo, da mente e da vida.

Esta tradição dos Pais e Mães-de-Santo de cuidar das pessoas que não têm acesso a um tratamento de saúde mais satisfatório ainda se mantém viva, adaptada aos novos tempos, desafios e contingências sociais e políticas. A Mãe Omin, no bairro Maria Cecília, nos Cinco Conjuntos, se tornou, nos últimos anos, uma referência na luta pela implementação da Política Nacional de Atendimento e Saúde Integral da População Negra, buscando construir respostas para doenças que atingem mais fortemente a população negra e pobre das periferias – Anemia Falciforme, Policistas Uterinos, Hipertensão, Hanseníase, HIV/AIDS, por exemplo. São outros os males (ou os mesmos, com outros nomes), são outras estratégias (Congressos, Conselhos, Simpósios, Cartilhas, Vídeokonferências), mas os chás, os Caboclos, as rezas, a fé nos ancestrais ainda permanecem; e a presença das Ciganas no Calçadão da cidade ou como parte da Mitologia da Umbanda ainda é bem viva.

Uma memória que persiste, não apenas porque a necessidade ainda é muita e porque, apesar do desenvolvimento das ciências, o povo mais humilde continua desassistido,

mas, acima de tudo, porque a crença de que doença e cura são mais do que apenas sintomas do corpo, ainda é forte. E as “ervas sagradas”, o escutar, o acolher e o aconselhar são tão importantes quanto o “remédio de farmácia”, para compreender a doença e para construir o processo de cura – e é, desta forma, que os saberes dos humildes curandeiros negros se encontram, hoje, com as descobertas da medicina mais globalizada.

Profa. Dra. Elena Maria Andrei
Antropóloga, Docente do Dept. de Ciências Sociais da UEL

Prof. Dr. Sérgio Paulo Adolfo
Pesquisador e Docente do Dept. de Literatura e Letras Vernáculas da UEL

Conta de búzios, um pequeno brajá que adorna assentamentos de Omolú ou Obaluayê. E, com contas marrons, brajá de corais usado por pessoas com "cargo no santo". s/data. Reprodução: Rui Cabral/Acervo Wilma Santos de Oliveira, Mãe Mukumby



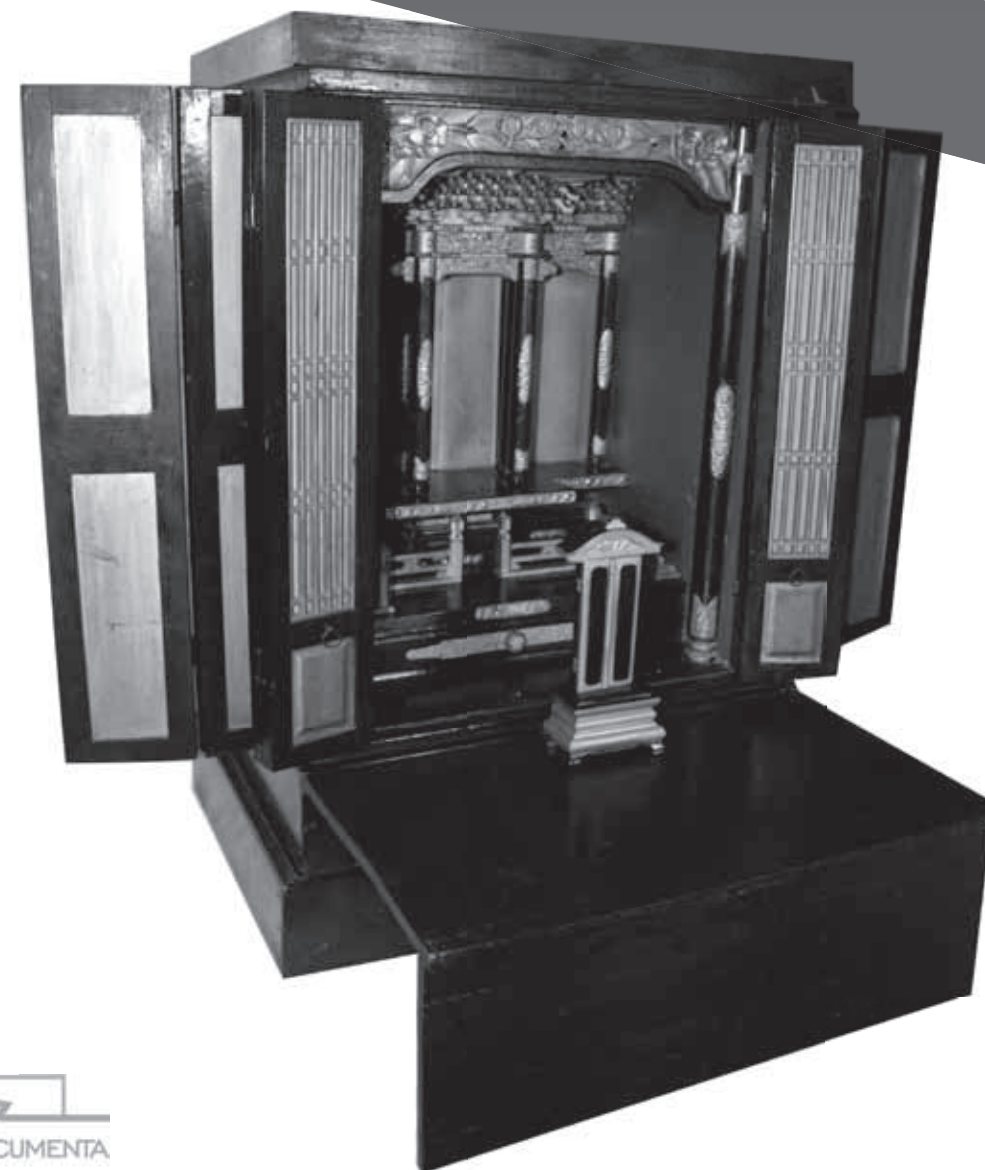
O Grupo Badadoyn utiliza métodos tradicionais de canto, dança e percussão afro para ensinar em vista da saúde integral. Zona norte de Londrina. s/data. Autor e Acervo: Yle Axé Ópo Omin I



Um dos primeiros funerais realizados em Londrina, s/data.
Autor: José Juliani/Acervo MHL



Santuário Familiar Budista, s/data.
Reprodução: Rui Cabral/Acervo MHL.



As sete divindades chinesas da boa-sorte, garantias de felicidade e bem-estar.
Reprodução: Amauri Ramos da Silva/Acervo MHL.



Em ordem (esquerda-direita)

Benzaiten - deusa das artes e da música; **Bisamon** - deus das batalhas e da justiça; **Daikoku** - deus da agricultura e da fortuna; **Ebisú** - deus da pesca e da felicidade; **Fukurokujú** - deus da sabedoria; **Hotei** - deus da boa saúde; **Jurojin** - deus da vida e da eterna juventude

Hotei amava a alegria e odiava a fome. Com seu cetro encantado na mão direita expulsava e mantinha longe as enfermidades. Ao mesmo tempo, com a esquerda munida de um leque, purificava o ar e pedia dinheiro aos ricos em troca de saúde para depois oferecê-lo aos pobres.

Objetos de piedade na busca de saúde entre católicos.
Reprodução: Rui Cabral/Acervo MHL



Grupo de pessoas de frente a loja Casa Padre Cícero localizada na rua Sergipe, 268. Setembro de 1955. Na foto da esquerda para direita: a 7ª pessoa (de gravata) é o Sr. Francisco Bezerra, dono da loja. Segundo lembranças de antigos moradores Sr. Francisco benzia e rezava por todos que precisassem.

Autor: desconhecido / Acervo MHL



voluntariado



A assistência à saúde em Londrina teve seu início com a construção do Hospital da Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP, assim que instalou seus escritórios na região, sendo contratados dois médicos: Dr. Anísio Figueiredo que realizava as cirurgias e seu irmão Dr. João Figueiredo que atendia a especialidade médica. O hospital de madeira era restrito aos funcionários da Companhia e às pessoas que podiam pagar. Quem não pudesse pagar pelos serviços de saúde dependia da caridade dos poucos médicos existentes na cidade, pois não havia hospital público.

Em meados de 1937, ocorreu uma epidemia de tifo, que afetou principalmente a comunidade de Rolândia. O médico sanitário, então Delegado de Higiene do Município, Dr. Gabriel Martins, improvisou 15 leitos de urgência para tratamento dos pobres acometidos pela doença. O local foi cedido, por Dr. Alexandre Razgulaeff, engenheiro da CTNP. Era uma casa de madeira, situada na rua do Comércio, atualmente Benjamin Constant, na esquina da rua Mato Grosso, com quatro cômodos: uma sala, uma cozinha e dois quartos. Um dos quartos era reservado para doenças contagiosas e o outro quarto e a sala tinham camas que serviam de leitos.

Os equipamentos e os medicamentos vinham do Estado, uma vez que o Hospitalzinho funcionava como posto de higiene local. O material cirúrgico de urgência era trazido do Hospital da CTNP pelo cirurgião

Dr. Anísio Figueiredo, que passou a atender, voluntariamente, aos pacientes, juntamente, com o Dr. João Figueiredo, o Dr. Caio Hangel e o Dr. Newton Câmara. Dr. Gabriel contava com o trabalho de uma enfermeira, Da. Herna, a quem considerava um “anjo” pela dedicação ao trabalho. Além de administrar os medicamentos e fazer a higiene dos doentes, ela também preparava-lhes a alimentação.

Durante os anos de 1938 a 1944, Da. Nina (Evangelina Rodrigues e Silva), esposa do cerealista, Sr. José Bonifácio e Silva, prestou ajuda periódica ao Hospitalzinho de Indigentes, fazendo curativos, administrando medicamentos, providenciando gêneros alimentícios para os internos. Na época, reuniu as companheiras, Da. Leoni Xavier, Marina Cunha, Olga Jorge, Maria Vicente e Ligia Cárdua, e realizava campanhas e bailes para angariar fundos para o Hospitalzinho.

Desde meados do ano de 1940, o Hospitalzinho passou a ter dificuldades para manter os serviços de assistência gratuita à saúde. O fato se agravou com uma epidemia de malária, em março de 1941, quando eram dispensados, diariamente, inúmeros flagelados por falta de condições de lhes prestar o mínimo socorro.

Tornava-se urgente a construção de um hospital de caridade. Desde 1936, lideranças da comunidade londrinense já pensavam na construção desse hospital. Segundo Dr. Aristides, em 1936, Joaquim Petrole e Honório Ribeiro tomaram a

iniciativa e procuraram o Diretor da CTNP, Arthur Thomas, para solicitar a doação do terreno para esse fim. Na época foi criada a “Comissão Pró Construção do Hospital de Londrina”, cujo presidente, Sr. Joaquim Petrole, ficou responsável por angariar fundos, realizar campanhas e mobilizar a comunidade. As obras de construção da Santa Casa duraram quase dez anos.

Com a inauguração da Santa Casa, o Hospitalzinho de Indigentes foi fechado. A Ata da reunião de encerramento das suas atividades foi realizada em 06/09/1944 pela então presidente da Sociedade de Indigentes de Londrina, Da. Leoni Xavier e pelo diretor do Hospitalzinho, Dr. Ricardo Skowronek, explica que a presidência foi passada ao juiz de Direito da Comarca. Os 27 doentes internados no Hospitalzinho foram transferidos para a Santa Casa, sendo o prédio devolvido ao seu proprietário Dr. Alexandre Resgulaef. Na mesma data, foi igualmente fechado o Hospital da CTNP, sendo transferidos para as novas instalações da Santa Casa os doentes particulares dos seus doze leitos.

No decorrer de sua história, outras entidades assistenciais, fundadas pelo voluntariado londrinense se dedicaram à atenção à saúde e ao amparo a crianças, gestantes e idosos na medida que esses problemas se manifestavam.

O primeiro orfanato de Londrina, Lar Batista Paranaense, foi fundado, em 1952, por Juvenal Teixeira, os missionários Thomas N. Clinkscales e Rosalie D. Clinkscales e outros cristãos pertencentes à Igreja Batista de Londrina, comovidos

pelos imagens de crianças perambulando pelas ruas da cidade, sem assistência, sem proteção, em precárias condições sanitárias e sem atividades educativas. O Lar foi construído na Rua São Vicente, com capacidade para 50 internos de ambos os sexos, indicados pelas Igrejas ou encaminhados pelo juizado de menores.

A Legião Brasileira de Assistência instalou-se em Londrina, em 19 de novembro de 1942. Foram abertas naquele mesmo ano, inscrições para os cursos de Enfermeira Socorrista a fim de preparar voluntárias que se dispusessem a contribuir para ações no período da II Guerra Mundial. Além do trabalho do Núcleo Municipal da LBA, ocorreu uma intensa campanha da Cruz Vermelha Brasileira, em Londrina.

Em 1943, o grupo de jovens da Igreja Presbiteriana Independente organizou uma grande promoção em benefício dos hansenianos indigentes da região norte do Paraná, atendidos pela Associação Londrinense de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, presidida pela Sra. Francisca Faria de Castro.

A Casa da Criança, criada por iniciativa dos membros da LBA e sob a direção do Dr. Nilo Bacelar, entrou em funcionamento, em agosto de 1955, atendendo a 640 crianças. Tratava-se de um Posto de Puericultura com duas salas para consulta, gabinete dentário, otorrinolaringologia, Raio X, consultório pré-natal, berçário, isolamento e um solário, para banho de sol.

A Sociedade de São Vicente de Paulo foi responsável pela fundação, em 1948, do Asilo São Vicente de Paulo para abrigo de idosos e, em 1958, pelo Lar Santo Antônio de Londrina para acolhimento de

crianças abandonadas.

O Lar Esperança, fundado em 1967, tinha capacidade para 25 mães solteiras que ingressavam após completarem seis meses de gestação e permaneciam até o filho completar um ano de idade, desde que demonstrassem “bom procedimento”. Durante este prazo eram encaminhadas a empregos, se casavam e outras eram encaminhadas à casa dos pais.

Além destas instituições criadas pelas práticas voluntárias, podemos identificar alguns personagens que se destacaram por desenvolver ações isoladas de atenção à saúde.

Da. Maria de Souza Mello, esposa do engenheiro da CTNP, Aristides de Souza Mello, acolhia pessoas paraplégicas, deficientes visuais, acometidas de hanseníase, tuberculose e febre tifóide e encaminhava-as para tratamento em hospitais especializados ou em sanatórios, em São Paulo. Enquanto se tratavam, moravam na sua residência. Quando fosse necessário o deslocamento para São Paulo, ela custeava as passagens, roupa e estadia. Depois de curadas eram encaminhadas para trabalhos que lhes dessem condições de sustento próprio.

Da. Lucilla Pinto Balalalai mudou-se para Londrina, em 1949, quando sua casa ficou conhecida como o lugar onde os recém-nascidos desamparados recebiam os primeiros cuidados, ali permanecendo até que encontrassem pais adotivos para eles. Em 1965, deu início aos trabalhos para a construção do Hospital do Câncer de Londrina. Fundou, em 1971, a Rede Feminina de Combate ao Câncer. Foram nove anos de trabalho incessante para erguer as paredes, comprar equipamentos

e colocar em funcionamento o “Hospital Antônio Prudente”. O trabalho assistencial de Da. Lucilla foi atribuído, na ocasião em que recebeu o título de “cidadã benemerita”, à sua formação Cristã, professando a doutrina espírita.

O Frei Nereu do Valle, também se destacou pelo trabalho comunitário de desfavelamento da Favela do Grilo, uma ocupação irregular ocorrida em meados da década de 50 do século XX, sem estrutura sanitária adequada. Este trabalho envolveu as Damas de Caridade, as Senhoras do Apostolado da Oração e toda a comunidade londrinense, através de grandes e pequenas promoções, como bailes, bingos, rifas, leilões, almoços e quermesses.

Cabe ressaltar a importância destas ações voluntárias dos personagens benemeritos que fundaram os primeiros serviços de atenção à saúde, em Londrina, geralmente movidos pela caridade cristã. O povo, em geral, participava das promoções realizadas pelas entidades e associações filantrópicas, como quermesses, bazares, bailes, bingos, leilões, rifas, gincanas, concursos e almoços beneficentes. Foi com a ação voluntária da sociedade londrinense que esses primeiros serviços foram construídos e mantidos, enquanto o poder público não tomava para si a responsabilidade pela saúde como uma política pública.

Profa. Dra. Jolinda de Moraes Alves
Mestre em Serviço Social e Política Social pela PUC/SP, Doutora em História pela UNESP

D^a. Nina (Evangelina Bonifácio e Silva) em reunião com senhoras voluntárias. D^a. Nina atuou como voluntária no Hospitalzinho de Indigentes e em várias outras instituições em favor da saúde. Década 1950.

Autor: desconhecido/Acervo MHL



Rede feminina de combate ao câncer de Londrina. A quarta senhora em pé a partir da esquerda, Lucilla Ballalai, uma referência para o voluntariado pela saúde.

Autor: V. Z. PIROLA (reprodução do livro "Prof^o Antonio Prudente: uma homenagem do Instituto de Câncer de Londrina ao homem que deixou o calor de suas mãos. Londrina: s.n., 1976. p.20").



Berçário, Casa da Criança. Ao lado, fachada da Casa da Criança, 1955.
Autor: Oswaldo Leite/Acervo MHL



Refeitório, Casa da Criança, 1955.
Autor: Oswaldo Leite/Acervo MHL



Dra. Zilda Arns Neumann com filhas dos líderes da Pastoral da Criança em Londrina. 2006.
Autora: Lucimara dos Santos Rodrigues/Acervo pessoal



No antigo patrimônio Três Bocas, dentro dos primeiros dez alqueires de mata derrubada, nasce a cidade de Londrina. Uma audaciosa aventura que se iniciou com a vinda da caravana da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), cuja meta era lançar a venda de lotes, iniciando a colonização das terras adquiridas. Em 21 de agosto de 1929, deu-se a chegada histórica e o início do empreendimento que ultrapassou todas as expectativas nas décadas seguintes. Ali, no marco zero, começou a história da cidade que foi se desenvolvendo em um combate desafiador dos desbravadores dentro da selva.

Graças a alguns espíritos abnegados que deram importância ao registro dos fatos nos primeiros tempos da fundação da cidade, hoje podemos dispor desses valiosos documentos, ainda que insuficientes. Todavia, com o passar dos anos, os registros já não acompanharam o volume de acontecimentos e a velocidade do tempo. No que diz respeito à saúde nas primeiras décadas, defrontamo-nos com carências quase irremediáveis de registros.

É o caso do primeiro médico de Londrina, Dr. Lauro Pessoa, registro apenas do nome; e do médico alemão Dr. Kurt Peter Muller, contratado pela CTNP, cujas citações esporádicas se baseiam em referências de colegas. A empresa colonizadora precisava de dar um mínimo de condições de atendimento à saúde para garantir sucesso do alto investimento. Os conceitos sobre a atuação da empresa colonizadora também variam. Quando, em 1933, a empresa colonizadora construiu o primeiro hospital e contratou os médicos, houve quem sentisse nessa atuação o cerceamento a outros profissionais.

O Dr. Kurt Peter Muller é substituído pelo Dr. Hamada, médico suíço. Na falta de médicos, três novos profissionais foram contratados: Anísio Figueiredo, Gérson de Almeida e Francisco Vilela. Apenas Anísio Figueiredo permaneceu na cidade.

O primeiro hospital localizava-se na Alameda Miguel Blasi, onde hoje está o Centro de Saúde e passaram a trabalhar nele os irmãos Figueiredo. João Figueiredo foi o primeiro diretor. Anísio, cirurgião, com estágio em ortopedia na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, além da cirurgia geral, atendia os casos de ortopedia e traumatologia. Importante lembrar que o cirurgião atuava dentro da cirurgia geral ou em todos os procedimentos médico-cirúrgicos, sem se ater a uma especialidade como hoje é exercida. No pequeno hospital de madeira, desempenhavam os serviços de enfermagem as Irmãs de Maria do Apostolado Católico, recém-chegadas da Alemanha: Irmã Maria Burga, Irmã Maria Bona, Irmã Oswalda e o enfermeiro Michel Koelch. Irmã Burga ministrava anestésias com a chamada “Máscara Ombrendame”. Este hospital funcionou até 1944, quando a Santa Casa passou a dar atendimento hospitalar e ambulatorial. A ausência de maiores recursos obrigava alguns doentes a procurar centros maiores, muitos optavam por São Paulo-SP, onde pessoas carentes conseguiam tratamento gratuito na Santa Casa de Misericórdia.

Constam dos registros dos primeiros anos epidemias de febre amarela, malária e tifo. Aparecem graves problemas na área da saúde pública. Atuaram nessas circunstâncias os chamados Delegados de Higiene, médicos nomeados pelo Estado. O primeiro deles foi

Dr. Otávio Dias que denunciou a “eclosão de uma epidemia de febre amarela silvestre”, naturalmente, negativa aos interesses da empreendedora. O Dr. Otávio Dias foi substituído por Gabriel Martins. O problema se agravou de tal modo que foi necessário pedir apoio à Fundação Rockefeller. Com a vinda de médicos e técnicos houve vacinação em massa, entre outras medidas.

Os relatos desses primeiros tempos, deixados pelos médicos, são atemorizantes. A população, indistintamente, estava sujeita a uma série de doenças relacionadas às precárias condições de vida e também em função da própria localização geográfica, na zona tropical. Entre outros fatores, importa mencionar, as condições de higiene. As casas em sua quase totalidade eram de madeira, algumas eram ranchos de palmito, pouco vedados, que permitiam a entrada de animais. O piso, de chão batido, acumulava uma gama de agentes das doenças parasitárias. Uma variedade muito grande de animais de todas as espécies, incluindo insetos e animais peçonhentos atacavam os moradores. A falta de água foi um dos grandes dramas vividos pela população da cidade. A água distribuída era restrita, captada em pequenos mananciais e não chegava a abastecer toda a cidade. O recurso para prover de água a população foram os poços. Contudo, para agravar ainda mais a situação, as privadas eram casinhas de madeira sobre fossas onde eram depositados os dejetos, algumas localizadas próximas dos poços de onde se tirava a água. Situação idêntica acontecia na zona rural, por vezes amenizada com um bom manancial preservado. Muitas doenças, hoje consideradas simples, chegavam

a complicações irreversíveis levando o doente a óbito. Ainda os habitantes estavam sujeitos aos ataques de animais domésticos portadores de ulcerações que contaminavam as pessoas com doenças graves.

As mulheres pariam em casa, assistidas por uma parteira prática, sem habilitação, tanto na zona urbana como rural. Havia algumas raras exceções de atendimento com enfermeiras obstétricas formadas. Uma delas, Maria Schimiyo Tan, formada no Japão com diploma reconhecido no Brasil, foi responsável por incontáveis partos na sua longa trajetória como parteira. Os recursos médicos só eram procurados quando o perigo de morte se avizinhava. Se a parturiente era moradora da zona rural as dificuldades aumentavam em virtude do transporte. Há vários registros de casos de assistência médica fora da cidade, na área rural. O médico, ali mesmo, preparava o material cirúrgico, em condições inimagináveis, pois urgia cumprir seu dever profissional de salvar vidas.

A busca nas soluções dos problemas de saúde da população deveriam ser encontradas nas formas mais estranhas possíveis. Tudo era válido nas situações extremas. Carência de meios de transporte e de comunicação, quando no meio da mata os picadões eram caminhos. Por eles, no lombo de animais, eram transportados enfermos, cuja distância a percorrer durava horas ou até o dia inteiro. Acontecia de transportar o doente numa rede, levada por quatro homens, ou em macas improvisadas feitas de galhos de árvores. Antes de uma providência custosa, valiam-se de todos os recursos possíveis e imagináveis, desde ervas, benzimentos, até a pajelança. Ao longo do tempo vão sendo dadas soluções para as situações emergenciais, como foi no caso do tifo. Ao mesmo tempo, vão-se preparando novas ações para garantir a

construção de um hospital.

Graças à propagação da CTNP, Londrina passou a ser conhecida em todo o país, atraindo mais gente. A cidade ganhou um segundo hospital com a chegada do Dr. Jonas de Faria Castro: a Casa de Saúde, localizada na Avenida Rio de Janeiro, ao lado das Casas Pernambucanas, com 16 leitos. Próximo dali estava o laboratório de Análises Clínicas do farmacêutico Arnaldo Pereira Braga. Aberta a Casa de Saúde, os médicos recém-chegados passaram a internar nela seus pacientes. Neste ano de 1937, outro médico instala seu consultório na Avenida Paraná: Dr. Ernesto Cavalcanti. Além dos dois hospitais e do laboratório de análises clínicas, algumas farmácias estavam bem próximas dos hospitais: Farmácia São João e Farmácia Maria Isabel. As duas possuíam um pequeno laboratório para manipulação dos medicamentos prescritos pelos médicos, além do serviço de aplicação de injeções. A procura pelas farmácias era quase sempre o primeiro passo, antes de chegar ao médico. O farmacêutico era, ao mesmo tempo, o conselheiro ou orientador, em quem as pessoas depositavam grande confiança. A cidade ia se expandindo, com abertura de novas farmácias, na Avenida Paraná, na Rua Mato Grosso, na Rua Benjamin Constant, e a seguir um novo hospital foi instalado: o Hospital Santa Cecília - do Dr. Ângelo Decaio. Já em 1936, houve movimentação de pessoas interessadas na criação de uma instituição hospitalar, visando o atendimento a doentes desprovidos de recursos, considerados indigentes. A partir de então, serão realizados vários eventos beneficentes com recursos destinados à construção da Santa Casa de Londrina.

O surto de febre tifóide que se alastrou no verão 1937-38 provocou inúmeras mortes e só terminou com a instalação do então

denominado “Hospitalzinho”, localizado na Rua Benjamin Constant, esquina com a Rua Mato Grosso. Mais tarde, depois de concluído o hospital da Santa Casa, todo o equipamento, pessoal médico, de enfermagem e administrativo foram transferidos para o novo hospital, cessando as atividades do antigo.

Na década de 1940, a cidade teve uma considerável evolução, afluindo mais profissionais e, em 1941, foi criada a então Sociedade Médica de Londrina. No primeiro momento, fazem parte dela, além de médicos, farmacêuticos e dentistas. O primeiro presidente foi Dr. Adolfo Barbosa Góis. A instalação da entidade comprova o crescimento do número de profissionais da área da saúde. Começam a se definir as especialidades médicas, como: pediatria, patologia, oftalmologia e otorrinolaringologia.

Os esforços de um grupo entusiasmado de pessoas da sociedade vão resultar na instalação da Santa Casa de Londrina, em 1944. Ainda não havia cessado os perigos das doenças transmissíveis, caso do tracoma, doença altamente contagiosa. Foi necessária a criação de um posto de atendimento específico à doença.

As duas instituições criadas na década de 40 vão alicerçar e impulsionar o desenvolvimento dos recursos médicos e cirúrgicos e também do ensino na área saúde, quando, no futuro, o Hospital da Santa Casa de Londrina passou a ser hospital escola para atender os alunos do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Londrina

Miguel Koelsch, primeiro enfermeiro do Hospital da Companhia de Terras Norte do Paraná, com o filho Walter, 1932.
Autor: desconhecido/Acervo MHL



Irmã Burga Börmnir (à direita), prestando atendimento de enfermagem no Hospital da Companhia de Terras Norte do Paraná, antes da construção do Hospital Santa Casa de Londrina. Década 1930.
Autor: desconhecido/Acervo Irmandade da Santa Casa de Londrina (ISCAL)



Atendimento médico e de enfermagem na sala de Emergência do Hospital da Santa Casa.
A irmã Maria Gotharda aparece auxiliando no atendimento, 1949.
Autor: desconhecido/Acervo Irmandade da Santa Casa de Londrina (ISCAL)



Turma de enfermagem "Socorrista de Guerra" na escadaria da Praça Mal. Floriano Peixoto. L.B.A., 1942/43.
Entre outras: Rita Pullin, Anete Hosken, Maria Aparecida Galvão, Leda Otranto e Ruth de Musio.
Autor: desconhecido/Acervo MHL



Lauricinda Campos Santos, primeira enfermeira padrão na sala de
Cirurgia do Hospital Evangélico, na Rua Alagoas, 1954.
Autor: desconhecido/Acervo Irmandade da Santa Casa de Londrina (ISCAL)



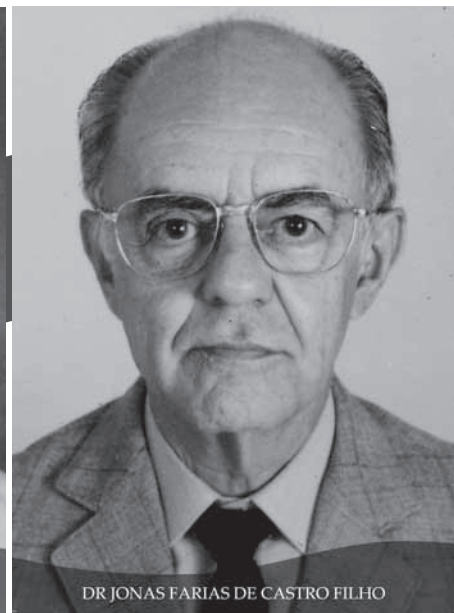
Primeira equipe de enfermagem do Hospital Evangélico de Londrina reunida com as
Diaconisas do Cristianismo Decidido, 1953.
Autor: desconhecido/Acervo Hospital Evangélico de Londrina



médicos precursores em Londrina
1930 - 1940



DR. JONAS FARIAS DE CASTRO



DR. JONAS FARIAS DE CASTRO FILHO



DR. ANÍSIO FIGUEIREDO



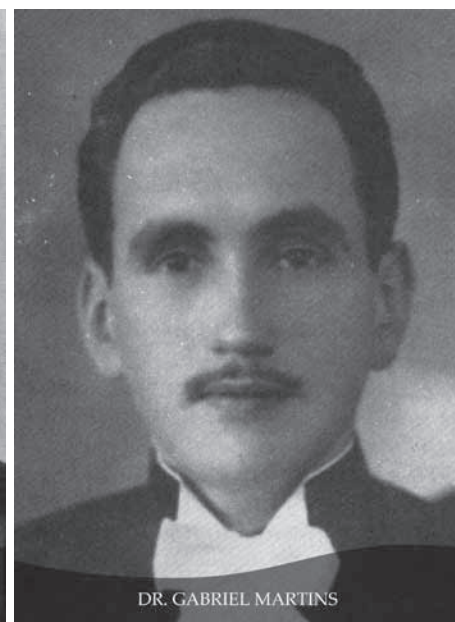
DR. KURT PETER MÜLLER



DR. OSWALDO DIAS



DR. JOÃO FIGUEIREDO



DR. GABRIEL MARTINS



DR. ERNESTO CAVALCANTI

médicos precursores em Londrina
1930 - 1940



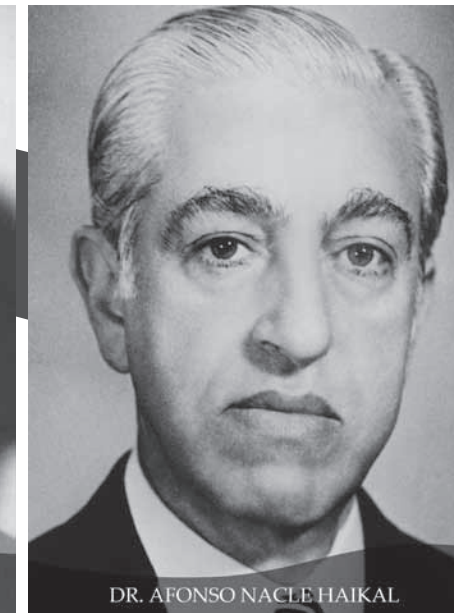
DRA. YOLANDA GOMES SKROWRONEK



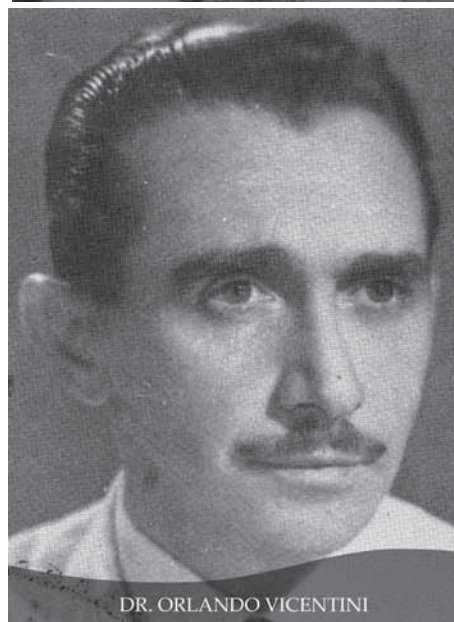
DR. RICARDO EDGAR SKROWRONEK



DR. OCTÁVIO GENTA



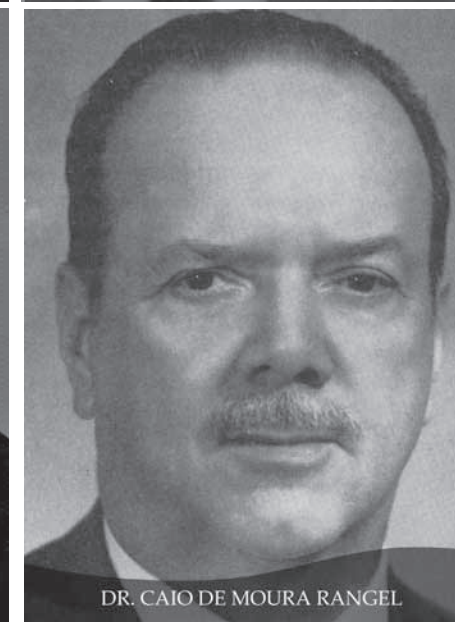
DR. AFONSO NACLE HAIKAL



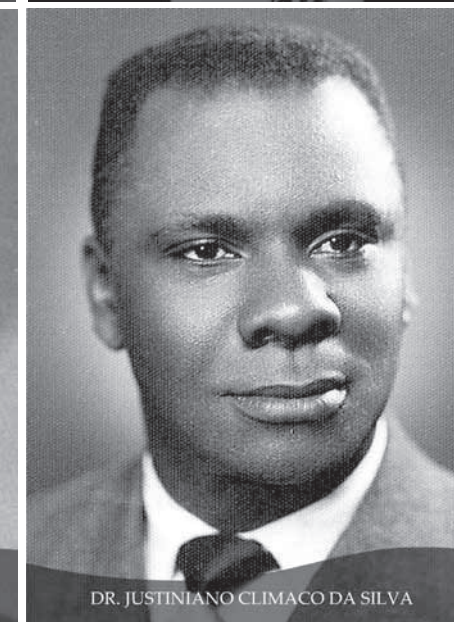
DR. ORLANDO VICENTINI



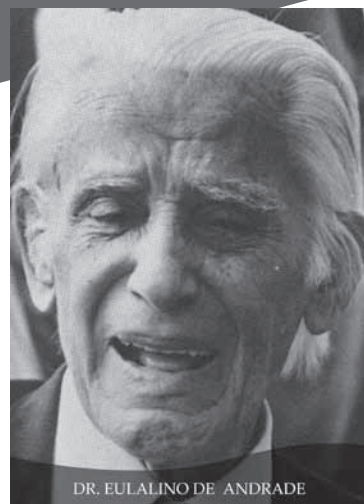
DR. ADOLFO BARBOSA GOES



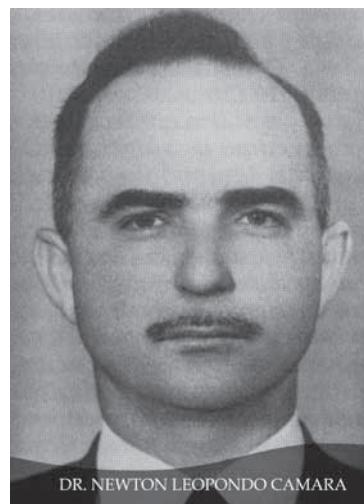
DR. CAIO DE MOURA RANGEL



DR. JUSTINIANO CLIMACO DA SILVA



DR. EULALINO DE ANDRADE



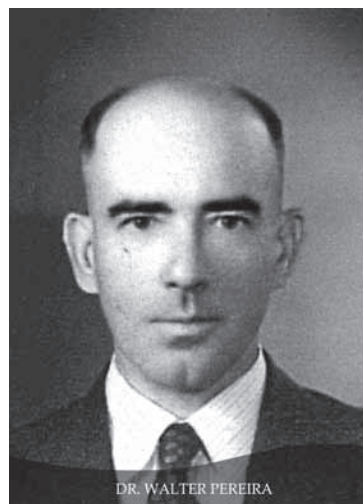
DR. NEWTON LEOPONDO CAMARA



DR. DIRCEU ANTUNES SAMPAIO



DR. WALDEMAR VICENTE FRANCISCO PALAZZO



DR. WALTER PEREIRA

COMPANHIA DE TERRAS
CEMETERIO DE
REGISTRO DAS

NORTE DO PARANÁ
HEIMTAL
INHUMAÇÕES

Nº DE ORDEN	Nº DA SEPULTURA	DATA DA INHUMACAO	NOME DO CADAVER	IDADE	ESTADO	PROFISSAO	COR	SEXO	NACIONALIDADE	FILIAÇÃO	CAUSA MORTIS	WEXO DE ATTESTO O DEBITO	Nº DO TALAO DA C.V.	OBSERVAÇÕES
4005	52	8 16 Maio 1943	Andri Kosmos	3ano			branca	masculino	Brasileira	Miguel Kosmos	sem assistência Just. de Paz			
1172	54	2 22 Agosto 1943	Nacu Marto	26ano	Paraná	Domestica	branca	feminino		Polichino Polpo	sem assistência Just. de Paz			
3142	42	3 8 Setembro 1943	Luiz Roberto da Silva	1ano			branca	feminino		Jos. Narciso Lourenço	sem assistência Just. de Paz			
3147	53	3 12 Setembro 1943	Maria	1ano			branca	masculino		Domago Alfrado	sem assistência Just. de Paz			
3208	54	3 23 Setembro 1943	Mari - Marto	1ano			branca	feminino		Sebastião Lourenço	sem assistência Just. de Paz			
3209	55	3 24 Setembro 1943	Zuleide Regina	1ano			branca	feminino		Antonio Diniz	sem assistência Just. de Paz			
3215	36	1 29 Setembro 1943	Bliza Polwart	53ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Polonês	Agostinho	sem assistência Just. de Paz			
3219	56	3 3 Outubro 1943	Maria Antonia	1ano			branca	feminino		José Leopoldo	sem assistência Just. de Paz			
3221	57	3 16 Outubro 1943	Rosa Maria	1ano			branca	feminino		Joaquim Alfrado	sem assistência Just. de Paz			
3232	58	3 19 Outubro 1943	Antonia Gomes	1ano			branca	feminino		Abelardo Gomes	sem assistência Just. de Paz			
3331	59	3 27 Outubro 1943	Em. Lucia	1ano			branca	feminino		José Luis	sem assistência Just. de Paz			
3401	60	3 10 Novembro 1943	Luiz Roberto	1ano			branca	feminino		Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3413	65	2 12 Novembro 1943	Lucia	1ano			branca	feminino		Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3503	13	4 30 Maio 1944	Calosina Compette	26ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Paraná	Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3507	37	1 2 Junho 1944	José Carlos	16ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Paraná	Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3511	4	4 27 Junho 1944	José Carlos	31ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Paraná	Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3521	15	1 12 Julho 1944	Luiz Roberto	67ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Paraná	Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3529	16	1 1 Agosto 1944	José Carlos	45ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Paraná	Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3532	61	3 3 Agosto 1944	Maria de Lurdes	71ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Paraná	Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3534	56	2 4 Agosto 1944	Luiz Roberto	71ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Paraná	Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3537	62	3 7 Agosto 1944	Mari - Marto	1ano			branca	feminino		Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3627	63	3 9 Setembro 1944	Nati - Marto	1ano			branca	feminino		Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3631	64	3 13 Setembro 1944	Maria Jose da Silva	1ano			branca	feminino		Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3686	65	3 30 Setembro 1944	Nati - Marto	1ano			branca	feminino		Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3687	39	1 10 Outubro 1944	Luiz Roberto	58ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Paraná	Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3688	41	1 14 Outubro 1944	Luiz Roberto	25ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Paraná	Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3704	18	1 28 Outubro 1944	Luiz Roberto	68ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Paraná	Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3752	66	3 24 Novembro 1944	Maria Jose da Silva	38ano	Paraná	Domestica	branca	feminino	Paraná	Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3799	67	3 15 Dezembro 1944	Maria Jose da Silva	1ano			branca	feminino		Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			
3801	57	2 1 Janeiro 1945	Maria Jose da Silva	1ano			branca	feminino		Luiz Roberto	sem assistência Just. de Paz			

Hospital de Indigentes de Londrina

Ontem, ás 14 horas, sob a presidencia do snr. dr. José Munhoz de Mélo, juiz de direito da comarca, realizou-se uma reunião da Sociedade de Indigentes de Londrina com o fim especial de fazer o encerramento do funcionamento do conhecido Hospitalzinho, fundado em 1939, durante a gestão do dr. Willie Davids e que inestimáveis serviços prestou a população pobre desta e das cidades vizinhas.

Dessa reunião foi lavrada a ata que abaixo transcrevemos e que ficará arquivada na Santa Casa de Londrina.

Aos seis dias do mez de setembro de mil e novecentos e quarenta e quatro, ás 14 horas, reunidos os infra-assinados no prédio do Hospitalzinho, á rua Mato Grosso, nesta cidade de Londrina, especialmente convidados pelo atual diretor dr. Ricardo Skowroneck e pela sra. d. Leoni Fonseca Xavier, atual presidente da Sociedade de Indigentes de Londrina, realizou-se, com a solenidade precisa, a presente reunião. Com a palavra o sr. dr. diretor, convidou o dr. José Munhoz de Meilo, dd. juiz de direito da comarca para presidir a reunião. A seguir o dr. Munhoz de Meilo deu a palavra ao dr. Ricardo Skowroneck, que passou a expor os fins da reunião, que era o do encerramento das atividades do Hospitalzinho, que até a presente data, desde o ano de 1939, vinha prestando revelantes serviços á classe menos favorecida, não só deste municipio, como das regiões e cidades circunvizinhas. O fato do encerramento, deve-se á conclusão das obras da Sta. Casa de Londrina e sua consequente inauguração amanhã 7 de setembro de 1944. Diante disto diz ainda o dr. Ricardo, os doentes, em número de 27, serão transportados hoje para a Sta. Casa. Findas as palavras do dr. Ricardo, o sr. dr. presidente deu a palavra a quem dela quizesse fazer uso, tendo se levantado o dr. Anizio Figueiredo que, em palavras repassadas de profundo pesar, referiu-se á vida e obra de Gabriel Martins e Wille Davids; o primeiro, médico que foi, desde a fundação, desta casa de caridade, até 27 de abril de 1943, vespera de seu falecimento — e o segundo, fundador que foi do Hospitalzinho, em seu exercicio no Governo municipal londrinense.

Referiu-se ainda o dr. Anizio Figueiredo á primeira Comissão encarregada de angariar donativos e administrar o referido Hospitalzinho, que era constituída das seguintes senhoras: D. Carlota Davids, presidente; D. Ruth F. Santos, vice-presidente; D. Adail Pizzato, tezureira. A essa comissão, succedeu, ha 2 anos a seguinte: D. Leoni Fonseca Xavier, presidente; D. Evangelina Negrão e Silva, vice-presidente; D. Adail Pizzato, tesoureira e D. Neuza Maragliano, secretaria. Prestou ainda o dr. Anizio Figueiredo, uma homenagem particular aos drs. Adolfo Barboza Góis, Nelson Rosario e Ricardo Skowroneck, res-

petivamente segundo, terceiro e quarto diretores que foram, em épocas diferentes, do Hospital de Caridade que neste momento cerra suas portas, depois de tantos anos de serviços prestados á pobreza desta região do norte do Paraná. Não esqueceu tambem o dr. Anizio de se referir ao gesto caritativo e desinteressado do dr. Alexandre Rasgulaef, proprietario do prédio, que não somente o cedeu gratuitamente, como cooperou particularmente. Uma referencia especial tambem fez ao povo em geral, especialmente ao deste Municipio, que jamais regateou seu apoio incondicional para a manutenção durante tão largos anos, desta Associação de Caridade, pondo ainda em relevo a valiosa contribuição mensal dos socios. O dr. Anizio Figueiredo afirma, finalmente, que deixou propositadamente para o fim o auxilio valioso da Prefeitura Municipal, desde a fundação do Hospitalzinho. Com a palavra o dr. Adolfo Barbosa Gois, disse que não podia ser esquecido o trabalho cirurgico do dr. Anizio Figueiredo, que desde o inicio das atividades do Hospitalzinho, vinha emprestando seus serviços com particular dedicação tendo praticado no acanhado recinto de uma das salas em que funcionava o Hospitalzinho e com os insignificantes recursos de que o mesmo dispunha, desde as intervenções mais simples como a abertura de abcessos até ás de alta cirurgia gastrica.

Com a palavra o sr. João mais simples como a abertura de abcessos até ás de alta cirurgia gastrica.

Com a palavra o sr. João Jesus Netto, poz em realce os serviços profissionais do dr. Newton Câmara que como auxiliar do dr. Gabriel Martins tambem prestou valioso concurso á alta finalidade desta Instituição. Encerrando a presente solenidade, por meio da qual, em face do entendimento havido entre a comissão diretora deste Hospitalzinho e a Mesa da Sta. Casa de Londrina—ficou deliberado o fechamento do mencionado Hospitalzinho e a transferencia para a Sta. Casa de Londrina dos 27 doentes aqui hospitalizados, estabelecendo-se que desta data em diante fica ao cuidado da mencionada Sta. Casa a assistencia aos indigentes que até aqui vinha sendo prestada por esta instituição, — pelo presidente foi dito que como bem salientou o dr. Adolfo B. Góis, foram tantas as pessoas que prestaram o seu concurso ao eficiente funcionamento deste Hospitalzinho, que, a não ser os casos de verdadeira abnegação como o de Gabriel Martins, torna-se difficil mencionar nomes sem uso de praticar alguma omisão injusta. Assim sendo, que esta solenidade sirva para perpetuar na Historia de Londrina o traço marcante de sua população que foi sempre o de um magnifico entendimento e o de perpetua cooperação no que respeita ao bem comum. Dentro dessa alta compreensão, este Hospitalzinho foi uma obra tão gigantesca, que somente encontra similar na Sta. Casa de Londrina, que irá!



tecnología e
diagnóstico

O desenvolvimento científico do século XIX originou uma grande mudança na medicina. O exame baseado na pura observação, contaminada a maioria das vezes pela superstição, foi substituído por técnicas adequadas de exame físico, como a ausculta, a termometria e a medida de pressão arterial. Alguns aparelhos simples, mas eficientes, como o abaixador de língua, o martelo de reflexos, o rinoscópio e o otoscópio ajudavam muito a localizar as lesões e podiam ser carregados pelo próprio médico. No final do século, foi de importância a entrada em cena do laboratório, fornecendo exames histológicos, microbiológicos e químicos e a descoberta dos raios-X que permitiu a visualização de estruturas internas de maneira não invasiva.

Com este arsenal como ponto de partida o século XX iria testemunhar o espetacular avanço no diagnóstico que vivenciamos hoje. Os novos conhecimentos de fisiologia e imunologia, o aperfeiçoamento da saúde pública, o aumento da oferta de alimentos, a descoberta das vitaminas, dos antimicrobianos e o contínuo fornecimento de novos medicamentos

pelos progressos da indústria farmacêutica, levaram a humanidade a uma expectativa de vida como nunca atingida em qualquer época.

Na prática médica as consequências da tecnologia nem sempre foram positivas. A dedicação do médico de família que podia passar horas ao lado do paciente, por ser, às vezes, a conversa o único tratamento disponível, foi substituída pela rapidez da caneta em redigir pedidos de exames, esquecendo que o calor humano, mostrado no exame físico, e o interesse pelo problema que levou aquela pessoa à consulta, são partes fundamentais na sua recuperação.

A década de 1950 foi um divisor de águas na medicina. Grandes tragédias servem como estímulo para grandes avanços, uma vez que a espécie humana parece ser mais incentivada pela competição do que pela colaboração. Toda a tecnologia desenvolvida na Segunda Guerra Mundial para recuperar combatentes feridos e enviá-los novamente ao combate e a criação de armas mortais para acabar com os inimigos foram colocadas a serviço da população civil, desta vez para aumentar seu conforto. Eletrônica e antibióticos somaram-

se aos avanços havidos na primeira metade do século XX, o que nos limitando ao diagnóstico.

No campo do laboratório clínico ocorreram: a aplicação do colorímetro visual ao laboratório clínico e desenvolvimento de técnicas de dosagem de glicose, creatinina, enzimas, etc.; a publicação dos primeiros tratados de diagnóstico por exames de laboratório; melhoria dos microscópios, inclusive com luz fluorescente; a instalação de laboratórios dentro dos hospitais; o desenvolvimento da espectroscopia por raios-X, da eletroforese, e do microscópio eletrônico; a padronização da venipuntura; a publicação do método de Papanicolaou; a criação do primeiro pHmetro e do colorímetro fotoelétrico; a aplicação da cromatografia ao diagnóstico.

No campo da imagem ocorreram: o aperfeiçoamento dos aparelhos de raios-X; o uso de injeção de ar para realização de ventriculografia e dos contrastes para angiografia; a invenção da planigrafia e politomografia; o desenvolvimento da abreugrafia e da mielografia; a obtenção de isótopos radiativos; e os primeiros experimentos de aceleração

de partículas. Cabe destacar aqui o sacrifício de muitos pioneiros por desconhecerem os perigos da radiação.

Alemdissoprecisamosdestacar a importância da eletrocardiografia, da eletroencefalografia, da eletromiografia e da aquisição dos conhecimentos básicos para a hemoterapia.

Londrina, obviamente, seguiu os passos do desenvolvimento do diagnóstico nos centros mais avançados. Os modestos laboratórios e clínicas radiológicas do heróico tempo dos pioneiros se beneficiaram dos progressos tecnológicos e da vinda de novos profissionais. Na década de 1950, Londrina passa a contar com serviços tão modernos como qualquer capital. No final dos anos 1960, os laboratórios clínicos de Londrina estavam aptos a fazer exames de imunofluorescência e eletroforese, hemogramas automatizados, espectofotometria, sorologia e microbiologia sofisticadas, além dos procedimentos mais básicos. Paralelamente, há excelentes clínicas radiológicas preparadas para realizar os exames contrastados mais delicados.

Uma das técnicas usadas inicialmente para fins militares passa ao diagnóstico com o nome de ultrassonografia e irá imediatamente

revolucionar a obstetrícia. Londrina, sempre pioneira, logo teria o seu serviço de ultrassonografia.

Nos anos 1960 Londrina ganha sua Faculdade de Medicina, o que traz novos profissionais e novos conhecimentos. A SBPC (Sociedade Brasileira de Patologia Clínica) organiza a viagem de um grupo de profissionais para conhecer o controle de qualidade de laboratórios clínicos nos estados Unidos, no qual participam patologistas clínicos de Londrina, tornando-se assim a nossa cidade uma das primeiras a contar com esse tipo controle.

Com o fim da reserva de mercado de informática, os laboratórios de Londrina puderam se automatizar com o aumento da agilidade na entrega dos exames e diminuir os erros analíticos.

O progresso da imagem foi imenso. A cintilografia usando radioisótopos, a tomografia computadorizada, a ressonância nuclear magnética e, ultimamente, a tomografia por emissão de pósitrons (PET) captam não somente imagens detalhadas, mas também fazem uma avaliação funcional dos órgãos estudados. E não esqueçamos a endoscopia que resolve graves problemas da maneira mais elegante.

Naturalmente, Londrina conta com todos estes recursos e pessoal muito bem treinado para seu manejo e interpretação dos resultados. Casos especiais podem ser estudados com a colaboração de especialistas de grandes centros através da internet.

Londrina hoje conta com grandes hospitais equipados com os mais modernos meios tecnológicos e de diagnósticos, bem longe do "Hospitalzinho" da década de 30, que, modestamente, e com muito trabalho deu início à pujança atual.

Que esperamos para o futuro? O ideal seria que a tecnologia e a tradição clínica se encontrassem e que o paciente achasse no médico aquele apoio humano que, auxiliado pela tecnologia, resolveria o problema que o levou à consulta. Esperamos, então, que Londrina ajude a promover o abraço entre médicos de família de sólida formação clínica com especialistas altamente treinados.

Luis Parellada Ruiz
médico patologista clínico; diretor do
Labimagem
Rejane Tavares de Lima
médica nuclear, chefe do Serviço de
Medicina Nuclear do Labimagem



LABORATÓRIO LONDRINA
 de
Análises clínicas
 (Fundado em 1937)
Arnaldo Pereira Braga
 Ch. Ph.
 Ex-chefe do Laboratório de Análises Clínicas dos Hospitais do
 Santa Casa de Campinas, analista da Santa Casa de Londrina

Relação dos exames que podem ser feitos neste laboratório:

ESCARRO
 Exame bacteriológico com homogeneização
 Exame bacteriológico e cultura
 Lavagem gástrica e exame bacteriológico
 Inoculação em cobaias
 Auto-vacinas

ESPERMA
 Verificação dos caracteres gerais dos espermatozoides
 Cultura

FEZES
 Pesquisa de ovos de parasitas (Tipo I)
 Pesquisa de ovos de parasitas e pesquisa de protozoários
 e seus cistos (Tipo II)
 Pesquisa dos bacilos disenterícos, com cultura
 Pesquisa do sangue oculto (3 vezes)
 Auto-vacinas

LÍQUIDO-CEFALO-RAQUIANO
 Exame bacteriológico
 Exame citológico e químico
 Reações dos globulinas (Nonne, Pandy, etc.)

SANGUE
 Contagem de glóbulos vermelhos e brancos
 Contagem global e diferencial de leucócitos
 Contagem global e diferencial de leucócitos e dosagem da
 hemoglobina
 Contagem de plaquetas
 Determinação do índice icterico
 Determinação do grupo sanguíneo
 Dosagem do ácido úrico
 Dosagem de bilirrubina
 Dosagem do cálcio
 Dosagem dos cloretos
 Dosagem do cloro plasmático-globular
 Dosagem da colestestina
 Dosagem da creatinina
 Dosagem da glicose
 Dosagem da uréia
 Eritrosedimentação (Westergren)
 Hemoculturas
 Pesquisa de hematoculturas
 Reação de Botelho (Para o câncer)
 Reação de Paul-Burwell
 Reação de Von Den Berg
 Reação de Widal
 Reserva alcalina (Van Slike)

URINA
 Tipo I — Caracteres gerais, pesquisa de elementos anor-
 mais e exame do sedimento.
 Tipo II — É o tipo I, mais dosagem dos cloretos e da uréia
 Dosagem do urobilígeno
 Diagnóstico precoce da gravidez (Friedmann)
 Auto-vacinas

DIVERSOS
 Pesquisa do bacilo diftérico, com cultura
 Pesquisa do gonococo
 Pesquisa do Treponema pallidum
 Água — exame bacteriológico
 Suco gástrico — Prova de Katsch e Kalk, com gráfico
 Tubagem duodenal para drenagem
 Tubo-gem duodenal e exame cito-parasitológico da bile
 Diagnóstico da gravidez
METABOLISMO BASAL

O Laboratório possui a mais moderna aparelha para a de-
 terminação do METABOLISMO BASAL, microscópio de Zeiss,
 colorímetro elétrico, balança de alta precisão Sartorius, balan-
 ça antropométrica, centrifugadores diversos, autoclaves, estufas
 a seco e de cultura, aparelhos distilatórios de vidro de Jena,
 bombas de vácuo, elétrica e à água, geladeira elétrica, paler-
 metro, espectroscópio, corantes de Grubler, reativos e sais de
 Merck para análise, etc.



odontologia

a FEOL começou ali, nos porões da catedral...

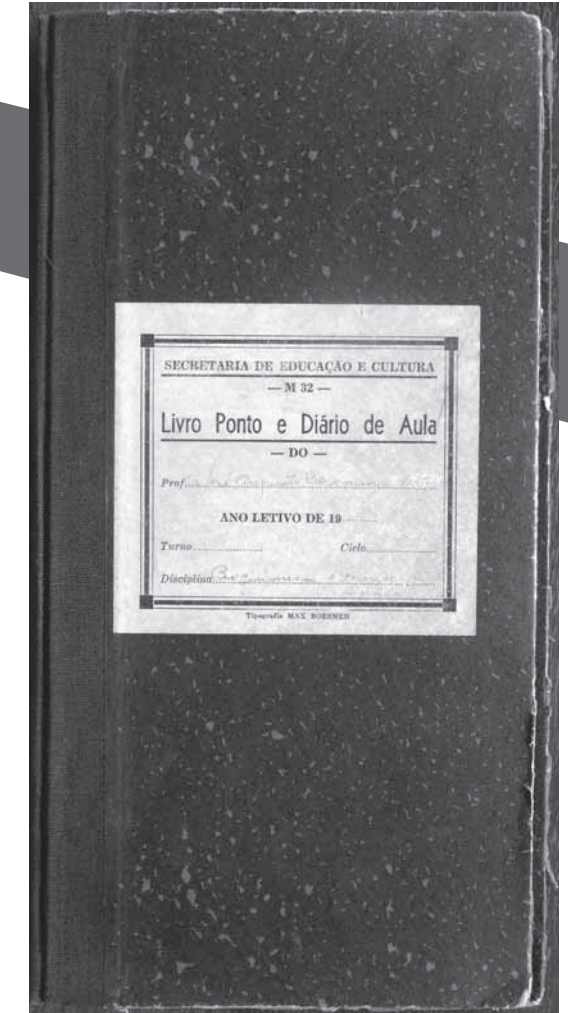
A antiga FEOL, Faculdade de Odontologia de Londrina, foi criada em 1962. Os principais fundadores foram os professores Newton Expedito de Moraes, o Professor Sebastião Gomes e o Professor Valdir Edgar Carli. A ideia teve apoio irrestrito do então Bispo de Londrina, Dom Geraldo Fernandes, e a FEOL começou ali, nos porões da Catedral. Depois, quando houve a necessidade da criação da Clínica, ela veio a ocupar o prédio na Rua Pernambuco, 540, coabitando nesse espaço com o nosso coirmão, o Colégio de Aplicação. Este prédio foi construído em 1960. E, desde então, estamos neste local.

Este curso foi um dos pioneiros. O seu nome ia ser Escola de Odontologia e Farmácia, de Londrina. Depois, acabaram criando apenas o curso de Odontologia. Na verdade, a FEOL nasceu praticamente dentro da Associação Odontológica Norte do Paraná. Foi um projeto de abnegados. Juntamente com a Faculdade de Ciências e Letras e a Faculdade de Direito, que também coabitavam no espaço do Hugo Simas e neste prédio aqui (da Clínica Odontológica Universitária). A FEOL foi um embrião da Universidade Estadual de Londrina.

Acho que o grande legado que essa escola trouxe para a cidade, além de, aproximadamente, 2.000 dentistas formados nestes 50 anos, de atender pessoas da comunidade de Londrina, como da região, inclusive do Sul de São Paulo, de manter o princípio de bem atender, apesar de condições nem sempre favoráveis, seu grande legado é o início, é o embrião da Universidade Estadual de Londrina.

Livro Ponto e Diário de Aula dos professores de Odontologia, (FEOL). 1962.
Reprodução: Rui Cabral/Acerov MHL

NOME DO ESTABELECIMENTO		CURSO		SÉRIE		TURMA		LIVRO PONTO DO PROFESSOR	
NOME DO ALUNO (Ordem alfabética)		MATERIA LECIONADA		RUBRICA		DISCIPLINA		MÊS	
NÚMERO		NÚMERO		NÚMERO		NÚMERO		NÚMERO	
		DIAS							
		0	5	9	13	16	20	23	27
1	Amadeu de Medeiros	1							
2	Antonio Jaeger Albieri	2							
3	Amando Benedito Bordinho	3							
4	Gilberto Marques de S. Leite	4							
5	Edson Sueda	5							
6	Elioz Daher	6							
7	Eusebio E. de Feijó	7							
8	Paulo Daher	8							
9	Silberto Roberto Travassos	9							
10	Silberto D'Amico	10							
11	Helson C. Nascimento	11							
12	Juan Sidonio Figa	12							
13	Jacinto Emilio Oyama	13							
14	João Manoel de Lima	14							
15	Jorge Nakashima	15							
16	Eliuz St. Moreira	16							
17	Drumond Hoshino	17							
18	Naoki Hoshino	18							
19	Odilon Nagiba Kniebel	19							
20	Tadashi Akatsu	20							
21	Takeshi Kawano	21							
22	Ubiratan A. F. de Lima	22							
23	Vanderlei de A. César	23							
24	Vera Esporunça Manella	24							
25	Yukio Sato	25							



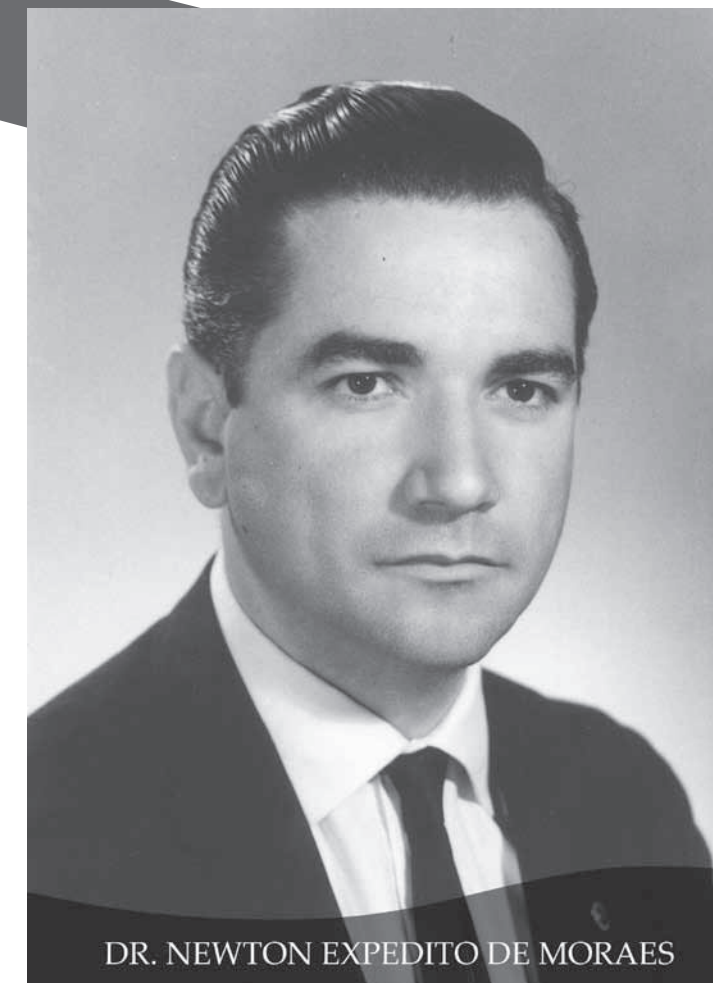
Prédio da antiga Faculdade Estadual de Odontologia de Londrina,
que funcionou provisoriamente nos fundos da Catedral, Década 1960.
Autor desconhecido/Acervo MHL



Precusores da Odontologia em Londrina



DRA. SEVERINA COLABELLI ALHO



DR. NEWTON EXPEDITO DE MORAES

Promoção e Apoio



Organização



Realização



Patrocínio



Programa Municipal de Incentivo à Cultura
